

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N^o 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontínuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**“ENTREGA DAS ALMAS”: MEDICINA, SAÚDE E
HOMEOPATIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

VINÍCIUS DUARTE FERREIRA

VINÍCIUS DUARTE FERREIRA

**“ENTREGA DAS ALMAS”: MEDICINA, SAÚDE E
HOMEOPATIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Monografia apresentada ao curso de
Graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia, como exigência
parcial para obtenção do título de Bacharel
em História, sob a orientação da Profa. Dr.
Heloísa Helena Pacheco Cardoso.

Uberlândia, Julho de 2005.

FERREIRA, Vinícius Duarte. (1982)

Entrega das almas: saúde, medicina e homeopatia na sociedade contemporânea.

Vinícius Duarte Ferreira – Uberlândia

80 fl.

Orientadora: Heloísa Helena Pacheco Cardoso

Monografia/Bacharelado – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia

medicina – homeopatia – mídia – história oral.

VINÍCIUS DUARTE FERREIRA

“ENTREGA DAS ALMAS”: MEDICINA, SAÚDE E HOMEOPATIA NA
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Heloísa Helena Pacheco Cardoso

Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida

Profa. Dra. Luciene Lehmkuhl

*A seca foi braba naquele ano.
O pai falou: Lá evém uma língua de fogo
do lado da Bolívia
e vai lamber todo o pasto.
O menino assustou: Língua de Fogo?
O pai explicou ao menino que se tratava
de imagem.
Língua de fogo é apenas uma imagem.
Mas, pela dúvida, o menino retirou seu
cachorro da imagem.*

(Manoel de Barros, Poemas Rupestres)

AGRADECIENTOS

Certos agradecimentos são muitos difíceis de serem feitos, pois este foi um trabalho longo, e como tal, muitas vezes necessitamos de amparo para que este momento fosse possível. Não é simplesmente um exercício de análise, mas um resultado do amadurecimento que compreende todo o nosso aprendizado ao longo do curso de História. “Muitas águas rolaram”!

Longe dos nossos familiares, longe da nossa cidade, como moradores das enigmáticas repúblicas estudantis, a amizade que criamos se torna o porto seguro para que a mente se tranqüilize diante das dificuldades e abra caminhos para que nossas tarefas sejam cumpridas. Assim, o final desse trabalho representa tranqüilidade para muita gente; nominalmente seria quase impossível enumerá-las. É com profunda reverência que agradeço a todos os amigos que estiveram próximos, não somente durante a realização direta desse trabalho, mas durante todos esses anos. “Muitas águas rolaram”!

À minha família, especialmente minha mãe e minha irmã que sempre estiveram “por perto”, muito obrigado.

Aos depoentes, que com muita sensibilidade fizeram parte desse trabalho, muito obrigado.

Por fim, agradeço à minha orientadora, profa. Heloísa Helena Pacheco Cardoso, pela dedicação que prestou a esse trabalho e ao que pude apreender com seus questionamentos. Também, aos professores Paulo Roberto de Almeida e Luciene Lehmkuhl por terem aceitado fazer parte da banca examinadora.

RESUMO

Essa pesquisa tem como objetivo discutir a maneira como as pessoas vivenciam as questões relacionadas à saúde em seu cotidiano, tendo em vista que a medicina vem, nas últimas três décadas, sofrendo grandes transformações no seu campo de atuação. O caminho encontrado para o desenvolvimento desse trabalho parte dos próprios sujeitos envolvidos no processo, os pacientes, escutando-os, procurando contrapor suas narrativas com os discursos veiculados pela mídia – em revistas de circulação nacional e pelo telejornalismo.

Assim, essa análise investiga como a terapêutica homeopática vem ampliando e seu espaço de atuação e aceitação, procurando perceber quais são os significados dessas mudanças dentro da nossa sociedade. Pensar essas representações é partir para um campo de disputa que extrapola os limites dos consultórios médicos e constituem modos de vida dentro da nossa sociedade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
 CAPÍTULO 1.....	18
O conhecimento como objeto de disputa	
 CAPÍTULO 2.....	36
Sobre a homeopatia: controvérsias, discursos e disputas através da informação	
 CAPÍTULO 3.....	52
A busca da cura contra a “entrega das almas” (ou o purgatório)	
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
 BIBLIOGRAFIA	74
 FONTES DE PESQUISA.....	78

INTRODUÇÃO

*“ Teoria e método não são os objetivos de nosso ofício, mas tão somente ferramentas que empregamos com o objetivo de melhor compreender o mundo em que vivemos e de ajudar outros a entendê-lo, a fim de que, com todos, façamos algo para melhorá-lo, o que sempre é possível. ”*¹

(Josep Fontana, A História dos Homens)

Um dos maiores desafios da universidade pública em nossos tempos é integrar o ensino com a pesquisa. Temos visualizado um grande número de pesquisas feitas não para serem colocadas em estantes, mas é o que acontece, e lá permanecem até que sirvam de referência para outra pesquisa com o mesmo teor e finalidade. O espaço para o desenvolvimento de determinados trabalhos esbarra nas dificuldades de conviver numa sociedade carente de necessidades básicas, que privilegia um padrão de ensino extremamente técnico, voltado para interesses de mercado, antes de se preocupar com o tipo de conhecimento com o qual estamos lidando.

Distante das angústias ou vivências cotidianas da população, certas pesquisas estão viciadas, num academicismo sem sentido; acabam se tornando um mosaico de teorias e, muitas vezes, o objeto de pesquisa é transformado num instrumento lapidado por uma matriz de pensamento – e no nosso caso, tendências historiográficas. O resultado disso é o distanciamento da universidade de um dos seus maiores papéis: ensinar, interagir com a sociedade da qual faz parte, onde o conhecimento possua significados diretos para as pessoas.

Embora esses argumentos sejam insuficientes para dar conta da amplitude desta situação, mesmo porque existem outros pontos a serem colocados, como é o caso da falta de professores, recurso financeiro escasso, falta de incentivo para certas pesquisas, e uma lista enorme de problemas que envolvem a universidade pública, seria impossível apresentar a minha problemática de pesquisa sem localizá-la dentro desse contexto: essa é a luta, e desde o começo é necessário saber para onde caminhar, ter a plena consciência daquilo que estamos construindo, em que momento estamos construindo, para quem e porque estamos fazendo; e o como fazer (?), esse só poderemos descobrir fazendo.

¹ FONTANA, Josep. *A história dos homens*; tradução REICHEL, Heloisa J. & DA COSTA, Marcelo F. ; Bauru: EDUSC, 2004. pp. 472.

Assim, esse trabalho é um início de um processo de aprendizado no qual temos que travar vários enfrentamentos. Por um lado a dificuldade de estar em um curso que nos transforma em pessoas críticas, com uma bagagem que nos permite problematizar diversos aspectos do nosso cotidiano, de pesada assimilação, o que nos torna sujeitos e interlocutores da nossa própria situação. Por outro lado, gozamos do prazer de ter muitos olhos para que não caiamos na inércia da história e possamos transformar isso com as pessoas que estão ao redor. Como professores e pesquisadores temos a tarefa de atuar da forma mais simples possível, para que não transformemos todo o conhecimento que apreendemos nesses anos em verdades absolutas, o que, muitas vezes, incorre em negligência de certos historiadores. Deixamos a graduação em História com a percepção de que a forma como pensamos a sociedade é fruto não só da nossa trajetória acadêmica, mas das relações que construímos ao longo do tempo, certos de que a caminhada é longa e os estigmas são muitos.

Em uma das pesquisas que realizamos durante o curso, intitulada “Atuação profissional do historiador: da formação acadêmica para a sala de aula”², estivemos preocupados em analisar qual eram os significados dessa pesquisa que ora fazemos para a formação do professor de História. Mas o que encontramos também foram preocupações que contribuíram em muito para a reflexão desse trabalho.

O título que abre com o nome de “Entrega das almas” condensa muitas inquietações que nos levaram a trabalhar com um tema que permeia as questões de saúde, medicina e homeopatia na nossa sociedade. Possivelmente o leitor não se deu conta do significado do terceiro termo que aparece no título do trabalho: pedimos a paciência de aguardar até o capítulo 1, onde trataremos mais especificamente desses assuntos. Por enquanto, o nosso objetivo é de trabalharmos as inquietações que nos levaram a problematizar o tema dessa forma, tendo como inspiração o sentido que destacamos na epígrafe retirada do trabalho de FONTANA, a nossa experiência durante o fazer dessa monografia e alguns trabalhos realizados pelos nossos colegas de curso. Isso serve como uma estrutura metodológica que reúne, ao mesmo tempo, experiências na construção do pensamento historiográfico contemporâneo e uma base teórica que permite pensar de diferentes formas as transformações presentes na nossa sociedade, tão urgentes de entendimento.

² Essa pesquisa fazia parte do projeto PIBEG/UFU que se estendeu de Março de 2004 à Abril de 2005, e tinha como objetivo traçar um diagnóstico dos cursos de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para auxiliar os professores e alunos desse mesmo curso durante o processo de reformulação curricular das licenciaturas no Brasil.

O sr. Evaristo, aposentado e morador na cidade de Uberlândia há mais de trinta anos, um dos nossos depoentes, durante a sua narrativa nos contou da existência de um livro para a anotação de exames especiais nas UAI's de Uberlândia que é referido pelos pacientes que procuram o serviço de “Entrega das Almas” ou “Livro das Mortes”, como nos contou:

O livro da UAI aqueles que marca consulta especial. Nesse livro a gente consulta com o médico da UAI, clínico geral. Aí o médico vê que a gente tem um problema, a doença, qualquer coisa. Aí ele encaminha a gente pra um setor que tem na UAI, eles tem o livro e esse livro é onde que eles marcam, põe o nome da gente pra marcar essa consulta nos outros órgãos que atende as UAIS: um é a Medicina e o outro é o Hospitais que eles tem convênio. Só que esse livro a gente põe nosso nome lá, eu pus o nome da minha esposa, e a gente não obteve resposta e a gente sempre dizia pros outros, pessoas que ficava perto da gente, que agente conversava e tudo e parece que o sentimento deles é o mesmo da gente. Eles dizia o seguinte: “ah você pos o nome lá no livro da morte, no livro da entrega das almas”, sempre tinha aquela brincadeira, aquela coisa deles lá com a gente. E realmente eu senti que era um negócio que não tinha resposta, que não houve resposta pra gente. Tinha da minha esposa pedido de mamografia, e agente não foi chamado³.

Notemos que há um sentimento de desilusão, de uma desesperança que aparece já nos corredores dessas unidades, onde os pacientes obtêm dos médicos a indicação de colocar os seus nomes num livro que possui encaminhamentos bastante conhecidos pelos usuários do sistema público de saúde, ou seja, demorado, muitas vezes sem resposta. Diante disso, o que fazer? Para grande parte das pessoas resta somente entregarem suas almas e torcerem para que elas sejam salvas no purgatório. Cria-se um sentimento de solidão, pois a diferença entre esse tipo de atendimento e nenhum é o fato de as pessoas alimentarem a esperança de que a resposta chegará um dia.

E em outros lugares não é diferente, basta abrirmos os jornais, ou assistirmos um noticiário para vermos que problemas como esse se repetem constantemente. O sistema de saúde no Brasil é precário, privilegiando, como observamos, apenas tratamentos mais simples. Quando as pessoas passam a precisar de exames um pouco mais elaborados, um algo a mais além de uma receita no final da consulta, ou de um curativo para um corte, aparecem casos como esse, onde a “entrega das almas” aguarda ansiosa por um chamado que a livre daquela angústia. Como podemos perceber na fala do Sr. Evaristo,

³ Depoimento emitido por Evaristo Morlim, em Março/2005.

os pacientes do sistema público possuem como alternativa fazer “brincadeiras” da situação para não perder a esperança da “resposta”.

Cenas como essa, principalmente quando precisamos desse atendimento nos encham de indignação, pois sabemos que em grande parte dos casos não são os recursos financeiros que faltam, mas políticas honestas que conduzam problemas tão sérios como é o caso da saúde no Brasil. Nesse sentido, a indignação seria apenas o primeiro efeito de tal esclarecimento, pois como historiadores temos o dever de permanecermos atentos a questões mais profundas presentes nesse contexto.

Desse ponto, colocamos a nossa problemática de análise que partiu da necessidade de compreender as questões que envolvem medicina e sociedade. A “entrega das almas” aqui deixa de existir apenas nos (não)atendimentos dos UAI’s de Uberlândia e passa a constituir as relações construídas, historicamente, entre aqueles que promovem a cura e aqueles que “entregam” suas “almas” sem com isso depositarem totalmente as suas esperanças em um sistema institucional. Em outras palavras, o nosso objetivo nesse trabalho, por mais difícil que seja dizer isso em poucas linhas, é de compreender como as pessoas, que “entregaram” suas “almas” a uma terapêutica hegemonicamente/institucionalmente dominante, reagem a ela num tempo onde a medicina alopática perde sua força e crescem, no cotidiano delas, o uso e a confiança em diversas outras terapêuticas⁴, dentre as quais trabalharemos com a homeopatia.

A terapêutica alopática está presente no nosso cotidiano enquanto medicina legitimada institucionalmente e com bases científicas que explicam todos os seus mecanismos de atuação⁵. Primeiramente esclarecemos que o termo “medicina” utilizado

⁴ Durante todo o nosso trabalho trabalharemos com certos termos que cabe aqui esclarecer. O termo “medicina alopática”, “terapêutica alopática” ou “alopatia” é usado para designar o tipo de medicina que trata das doenças com medicamentos contrários a elas. Essa terapêutica é a mais comum nos sistemas de saúde pública e usa remédios químicos vendidos em farmácias e drogarias. Somente nos últimos três anos obtivemos informações, em chamadas de telejornal, que existem homeopatas atuando no sistema público de saúde na cidade de Belo Horizonte e Uberlândia. Sobre essas outras práticas terapêuticas existentes podemos citar, por exemplo, o caso da acupuntura, que trabalha com a aplicação de agulhas em pontos específicos do corpo e a fitoterapia, que trabalha com a manipulação de plantas e ervas para a cura das doenças. Essas terapêuticas são conceituadas pelos agentes da medicina alopática como “medicina alternativa”, o que faz parte de um conflito gerado por conta da disputa de espaço dentro da nossa sociedade.

⁵ Sobre essas “bases” científicas estaremos esclarecendo o que representa isso dentro da nossa pesquisa, uma vez que esse tipo de entendimento faz parte dos objetivos desse trabalho. Por ora, permitiremos dizer que essas bases possuem estreitas relações com o tipo de pensamento fundado por Descartes, pois as formulações cartesianas contribuíram para que a alopatia aprofundasse seus estudos fragmentados do corpo humano, buscando compreender as funções de cada órgão, tecido ou glândula fazendo funcionar o organismo. Outro termo que usaremos constantemente para nos referirmos às concepções da terapêutica alopática é o de “racionalidade técnica”, compreendendo que essa forma de discurso possui relação com o

nesse trabalho, que é universalmente confundido com a práxis da terapêutica alopática, quando não associado a uma terapêutica, se refere somente a prática da cura, sem com isso definir essa ou aquela terapêutica.

Ao contrário da terapêutica alopática, que possui seus espaços definidos no nosso meio social, a terapêutica homeopática possui diversos agentes tais como os homeopatas populares⁶, os médicos homeopatas⁷, médicos médiuns⁸ e os agentes de saúde⁹. Essas diferenças¹⁰ entre os agentes da homeopatia no Brasil não estarão presentes diretamente em nossas reflexões, mas é importante compreendermos que elas fazem parte de um campo de disputa para a prática da medicina homeopática. No ano de 1980 a homeopatia passou a ser considerada uma especialidade médica e, com isso, o Conselho Federal de Medicina (CFM) passou a requer para a academia o controle sobre qualquer atividade no que diz respeito à homeopatia no Brasil. Em outras palavras, o CFM queria garantir o controle sobre o mercado que estava começando a surgir para outras modalidades terapêuticas. Entretanto, vários homeopatas populares e entidades, que desenvolviam programas de formação de homeopatas populares e agentes de saúde, conseguiram, juridicamente, autorização para continuarem seus trabalhos, porém com algumas restrições que nem mesmo eles conseguem entender quais são, uma vez que a lei não conseguiu delimitar, enfaticamente, quais seriam os limites para cada profissional.¹¹

cartesianismo e procura sempre dar explicações dentro dos métodos científicos, observando racionalmente os fenômenos que compõem um fato. Dessa forma, utilizaremos, também, o termo cientificismo que é a prática desse discurso da racionalidade técnica, mas que possui o mesmo sentido.

⁶ Homeopatas populares são homeopatas que possuem formação em homeopatia, mas não possuem formação médica, geralmente são pessoas com nível superior que se interessam pelo estudo da homeopatia e atuam em suas comunidades (escolas, consultórios improvisados, etc). A Universidade Federal de Viçosa possui um curso de formação desses profissionais há cerca de onze anos.

⁷ Médicos Homeopatas são homeopatas com formação médica alopática que fizeram especialização em homeopatia, legalizada como especialidade médica pela resolução 1000 do Conselho Federal de Medicina, promulgada no ano de 1980.

⁸ São pessoas de diversas origens, acadêmicas ou não, que atendem em transe mediúnico em centros espíritas.

⁹ São pessoas que estão sendo treinadas por entidades particulares, em alguns casos pelo próprio governo, para indicar a homeopatia à população centrada nos bolsões de miséria das cidades brasileiras, mas, sobretudo, atendem em regiões interioranas, onde a população possui pouco acesso a qualquer tipo de tratamento médico.

¹⁰ As informações presentes nas notas 5, 6, 7 e 8, foram retiradas do livro de Alberto Moreno. MORENO, José Alberto. O direito popular da homeopatia no Brasil. Belo Horizonte: Ed. LuzAzul, 1996.

¹¹ Em termos gerais essa lei normaliza a prática não-médica da homeopatia. Entretanto estabelece limites para essa prática diferenciando-a da profissão de médico homeopata. Essa diferença está no ato de receitar o medicamento, onde somente os médicos homeopatas podem receitar diluições acima de CH 30 (o que quer dizer que o medicamento foi diluído 30 vezes). As diluições dos remédios homeopatas não possuem critérios que justifiquem tal separação, apenas intui-se que quanto mais diluído o medicamento estiver mais “forte” ele pode ser.

Para trabalhar dessa maneira a problemática que colocamos, buscamos um caminho que vem ganhando força dentro da historiografia brasileira há pouco mais de uma década. Durante o trabalho com as monografias de curso para o projeto que citamos, constatamos que cerca de 60 % dos trabalhos realizados de 1994 a 2003 utilizaram a história oral como metodologia para abordarem suas respectivas problemáticas, o que aponta para um crescente interesse por esse tipo de fonte e para as reflexões que ela possibilita.

Os depoimentos têm permitido buscar os significados do que foi vivido pelas pessoas, e as formas como elas lembram dos acontecimentos trazem elementos para pensarmos as questões da saúde no universo das relações sociais constituídas nas cidades. O fato de grande parte dos trabalhos recorrerem a essas fontes é expressão da preocupação com outras histórias que não as contadas nos documentos oficiais, uma vez que vários sujeitos históricos, sobretudo aqueles provenientes de setores mais pobres da sociedade, têm pequena parcela de expressividade na documentação presente nos arquivos. Em outras palavras, o constante uso das fontes orais nas monografias do curso, na maioria dos casos, tem como resultado a emergência de sujeitos históricos esquecidos pelo discurso oficial, ou pelos memorialistas da cidade, tidos como os reais “historiadores” do local. É esse o sentido que aparece quando os alunos “falam” dos seus trabalhos.

A defesa quanto ao uso de fontes orais é uma questão constantemente levantada pelos alunos, como é o caso da monografia de Divino Dantas de Medeiros¹². A sua pesquisa analisa os significados religiosos da festa de devoção a Nossa Senhora da Abadia, que ocorre anualmente na cidade de Romaria em Minas Gerais, atraindo vários fiéis de diferentes partes daquela região, e que, ao longo dos anos, foram conferindo outros signos àquela festa. Em sua pesquisa, o autor utiliza bastante as fontes orais, discutindo em vários momentos as contribuições disso dentro da história.

Dentro do tradicionalismo acadêmico, a história sempre manifestou um compromisso com a escrita mantida em arquivo ou registrada segundo os critérios do tempo passado e distanciamento das fontes.

¹² MEDEIROS, Divino Dantas. *As bênçãos de Romaria: Cultura e Religiosidade Popular no interior de Minas Gerais - 1920/1940*. Monografia apresentada ao INHIS/UFU, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em História. 1998.

Recentemente, o uso de fontes orais servindo como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas, vem ampliando o leque de alternativas da história que ‘nos permite escrever outro tipo de história’¹³

Concordamos com a preocupação do autor em procurar novas formas de ampliar a potencialidade de problematização dos objetos de pesquisa. Entretanto, a história oral não se presta a preencher lacunas deixadas por qualquer outra forma de se pensar a história e/ou pelo uso de fontes escritas, mas ela possibilita a emergência de novos sujeitos e novas maneiras de abordarmos as temáticas de pesquisa.

Na monografia de Sérgio Paulo Morais, defendida em 1999 com o título “Correndo Mundo: Trabalho e Vivência de Carroceiros na cidade de Uberlândia”¹⁴, que tem como objetivo analisar as vivências dos trabalhadores que utilizam carroças como instrumento de trabalho, o autor recorreu bastante ao uso de fontes orais para compreender o cotidiano, as dificuldades enfrentadas e as estratégias dessas pessoas para se estabelecerem dentro da lógica urbana nas cidades. E atribui crédito a esse tipo de fonte:

Creio que tais fontes tenham trazido, com riqueza, a presença dos próprios trabalhadores para a História, por meio de suas mais preciosas “tradições”: a linguagem através da fala. Penso que a “tradição oral”, além da chance de se registrar um documento daqueles que não sabem utilizar a palavra escrita, seja um caminho para se encontrar angústias, expectativas, interpretações, sonhos, vivências, sentimentos e valores dos sujeitos.¹⁵

Todos esses apontamentos foram percebidos e deram sentido a esse trabalho que encontrou na metodologia da história oral uma forma de percorrer um caminho que nos levou para o cotidiano das pessoas de forma direta, pois viver certos tipos de relações com os depoentes nos permitem compreender os significados das experiências relatadas. Não precisamos entrar na vida dos nossos sujeitos, mas o diálogo com as pessoas traduz mais do que a intensidade das palavras escritas pode demonstrar, pois temos a possibilidade de perceber as ironias, os silêncios, as contradições e coisas que somente se tornaram possíveis com esse tipo de recurso. Assim, o cotidiano aparece nos depoimentos que são carregados de significados, que precisam ser investigados para que possamos explorar todo o potencial de uma narrativa oral.

Para o nosso trabalho, o uso de fontes orais nos permitiu perceber como cada depoente organiza e lida com o corpo, saúde e doença. O contato com esses “microuniversos”, elaborados na experiência de cada um, nos mostrou como a realidade é contraditória, e como as pessoas lutam e (re)significam muitas “imposições” que,

¹³ Ibidem. pp.4

¹⁴ MORAIS, Sérgio Paulo. *Correndo Mundo: Trabalho e Vivências de Carroceiros na cidade de Uberlândia*. Monografia apresentada ao INHIS/UFU, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em História, 1999.

¹⁵ Ibidem, pp 14.

teoricamente, fazem parte da vida de todos. Outrossim, a compreensão de diferentes universos singulares nos deu suporte para observarmos como as pessoas reagem a um tipo de medicina (alopática) que compactua com a hegemonia dos valores cientificistas, veiculados também pela mídia, diante de situações peculiares no que diz respeito a doença. Isso trouxe à tona uma difusão de valores e significados quanto às concepções de corpo, medicina, doença e saúde que possibilitaram analisar como estão ocorrendo as transformações dessa problemática na nossa sociedade, e como elas foram historicamente e cotidianamente construídas.

Em um artigo intitulado “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”, Yara Aun Khoury¹⁶ discute como os elementos que partem dos processos de disputas entre diferentes forças sociais estão presentes nos sentimentos, valores e no cotidiano das pessoas, o que corresponde à cultura como todo um modo de vida que incide na dinâmica social. A autora nos lembra que:

A interlocução com as pessoas nos põe em contato mais direto com os trabalhos da consciência e da memória de cada um, estimulando nossa própria consciência da dimensão política desse diálogo intelectual. Isso requer mais do que um trato meramente factual das narrativas e de coleta e sistematização das ricas informações que trazem; demanda uma atenção especial à relação imbricada entre os fatos narrados e significações construídas, que vão muito além das próprias entrevistas. Eles se forjam nas relações sociais vividas e também incidem sobre elas¹⁷.

Assim, tivemos muita cautela ao trabalhar com esse tipo de fonte, sobretudo pensando o lugar de onde essas narrativas partem, o que corresponde, de certa forma, às “significações construídas”, pois são experiências de vida muito diferentes entre si e que agora passam a fazer parte de um mesmo trabalho, que por sua vez, não está longe de construir seus próprios significados.

O caminho para chegarmos até os nossos depoentes ocorreu de maneira um tanto casual. Apenas nos preocupamos em entrar em contato com pessoas que, de antemão, sabíamos que elas possuíam trajetórias de vida bastante diferentes entre si. O objetivo

¹⁶ KHOURY, Yara Aun. “Muitas histórias outras memórias: cultura e o sujeito na história”. IN: FENELON, Déa Ribeiro & MACIEL, Laura Antunes & ALMEIDA, Paulo Roberto de & KHOURY, Yara Aun. *Muitas histórias, outras memórias*. São Paulo: Ed. Olho d’água, 2004. pp. 116-138.

¹⁷ Ibidem, pp.122.

de trabalhar assim foi o fato de estarmos buscando nos nossos sujeitos a maior diversidade possível, pois nos propusemos a observar essa diversidade para buscarmos a unidade que incide sobre ela. Essas pessoas foram encontradas na rua, em conversas ocasionais, como é o caso do Sr. Evaristo, um dos depoentes, que cruzando por mim no bairro onde moramos, começou a discutir sobre um problema que ele estava tendo no UAI, oportunidade em que o convenci a gravar o seu depoimento. Em outro momento, veio uma pessoa me procurar sabendo que eu estava estudando homeopatia, perguntando o que eu poderia fazer por ela. Apenas indiquei o único homeopata que conhecia até então, porém ela acabou ajudando bastante nesse trabalho concordando em gravar o seu depoimento. Em todos os casos foram, pessoas que, conversando numa cena cotidiana comum, acabaram trazendo depoimentos importantes para abordarmos essa problemática.¹⁸

Contudo, a prática da pesquisa acabou nos mostrando que esses depoimentos mais do que narrativas individuais, representavam um caminho para compreendermos não somente modos de vida, como lembrou KHOURY, mas como as transformações sociais no espaço da medicina possuem grandes significados simbólicos.

Utilizaremos, também, como fonte para essa pesquisa, a mídia. Através de revistas de circulação nacional e de uma série de reportagens veiculadas pela Rede Globo sobre o tema da homeopatia, tentamos compreender qual o tipo de relação que esses canais de informação possuem no cotidiano das pessoas. As revistas trabalhadas serão a *Superinteressante*, a revista *Vida Simples*, a *Galileu* e a *Espiritismo & Ciência*, onde todas trazem em seus números artigos e curiosidades sobre a questão da medicina na nossa sociedade.

Ao pensarmos em trabalhar com a mídia, partimos do pressuposto de que os discursos sobre saúde e medicina presentes nesses canais são, muitas vezes, construídos como verdades homogêneas sobre o assunto. Observaremos, por exemplo, como a série da Rede Globo intitulada “Homeopatia: o teste” procurou questionar, dentro do padrão de conhecimento científico, a legitimidade ou não de terapêutica homeopática. Mas de que maneira esses discursos interferem no cotidiano das pessoas?

No primeiro capítulo estivemos preocupados em apresentar ao leitor a problemática, discutindo como algumas disputas no campo do conhecimento permitem

¹⁸ A relação dos depoentes, seus dados e suas vinculações com o tema dessa pesquisa, encontra-se nas fontes, ao final dessa pesquisa.

que certas contradições apareçam na nossa sociedade e como a história pode nos ajudar a perceber essas questões.

O segundo capítulo parte de uma hipótese levantada no primeiro capítulo que são as formas como determinados discursos circulam entre as pessoas e como a mídia participa nesse processo. Percebemos que a mídia, quando falamos em medicina e saúde, exerce grande influência no nosso meio social, pois temos restrito acesso a esse tipo de conhecimento. Quando falamos em medicina institucionalizada e disputas nesse campo, a mídia aparece, também, como importante agente para entendermos porque determinados posicionamentos são privilegiados por ela.

No terceiro capítulo buscamos estabelecer uma relação entre as questões levantadas nos dois primeiros capítulos e os depoimentos das pessoas. As experiências relatadas nos depoimentos demonstram as diferenças existentes entre os discursos defendidos pelos médicos, pela mídia e pelos homeopatas – os quais constituem uma idéia de medicina – e as formas como as pessoas traduzem essas questões para o seu cotidiano. Notaremos que essas formas – das pessoas – geram outras concepções de medicina, baseadas nas experiências individuais e nas necessidades momentâneas de cada um dos depoentes.

Nas considerações finais pontuamos certas reflexões que foram tomando forma durante esse trabalho e que não puderam desfrutar de uma análise mais aprofundada, porém são indispensáveis para finalizarmos esse trabalho tendo a consciência que ele está apenas começando.

Ao leitor desejo um bom exercício de reflexão e espero que, mesmo não sendo um tema de certa forma desconhecido para ninguém, esse trabalho estimule a pensar sobre certas concepções de saúde, corpo, medicina e doença dentro da nossa sociedade.

Capítulo 1



O conhecimento como objeto de disputa

No momento em que iniciamos essa pesquisa colocamos a pergunta de qual seria o caminho mais contundente para que pudéssemos discutir questões atuais que envolvem a relação entre medicina e sociedade. Numa época onde a sociedade vive grandes transformações no que diz respeito à tecnologia, o homem, condutor e receptor dessas mudanças, não poderia deixar de fora o seu próprio corpo enquanto objeto de reflexão. Dito de outra forma, a tecnologia tem provocado amplas discussões em questões como a educação, a comunicação entre as pessoas, a saúde, enfim os recursos técnicos têm modificado bastante as relações humanas. Por outro lado, a tecnologia empregada em diversos campos do nosso cotidiano coloca a própria noção de progresso em diálogo com problemas referentes à moral, ao acesso a esses recursos, desgaste ambiental para extração de matéria prima, desemprego, ou seja, o desenvolvimento técnico criou certas facilidades, mas também gerou dificuldades que muitas vezes podem causar mais danos à população do que melhorias.

O nosso objetivo aqui é discutir como a idéia de tecnologia e desenvolvimento científico aparece na nossa sociedade quando o assunto é medicina e tratamento das doenças nas pessoas. Na última década assistimos a proliferação da chamada “medicina alternativa”¹⁹ pelos consultórios, centros espíritas e terreiros; vimos, também, o aumento considerável do número de farmácias destinadas a atender o público que procura esse tipo de tratamento. Em contrapartida, através da mídia, através do discurso e da defesa de sua hegemonia, a medicina alopática gerou um discurso que pondera e restringe a prática e a legitimidade desses tratamentos.

Para discutirmos essa problemática trabalhamos com homeopatia, uma prática terapêutica bastante difundida na nossa sociedade. Dentre as quais denominadas de práticas “alternativas”, certamente é a que está a mais tempo no Brasil em termos de

¹⁹ O termo “medicina alternativa” serve para designar todas as terapêuticas, exceto a medicina alopática. O termo “alternativo” traz em si a idéia de que são terapêuticas que abrem outras possibilidades de tratamento, e frisa a hegemonia de terapêutica alopática, que é a prática institucionalizada da medicina.

abrangência e de institucionalização²⁰. É importante ressaltar que não é nosso objetivo problematizar questões referentes aos caminhos e disputas institucionais dos homeopatas dentro da sociedade brasileira, mas em alguns momentos será necessário dialogarmos com essas questões a fim de esclarecer ao leitor alguns pontos para que possamos confirmar nossas indagações.

Nessa primeira parte do trabalho procuramos recuperar alguns conceitos e fundamentações que são essenciais para compreendermos certas diferenças entre a medicina alopática e a medicina homeopática e que serão tema central das nossas discussões. Essas diferenças, muitas vezes, criam nas pessoas, que procuram essa ou aquela terapêutica, motivações que servem como base para a formulação de concepções sobre o corpo, doença e cura. Assim, antes de chegarmos mais próximo dessas concepções que fazem parte do cotidiano das pessoas, vamos levantar alguns pontos que servirão de apoio para esse trabalho, os quais partem da nossa própria experiência com o ofício de ser historiador e justificam a forma como abordamos essa problemática.

A homeopatia é uma terapêutica estudada e formulada pelo médico alemão Samuel Hahnemann (1755-1843), que divulgou pela primeira vez suas idéias sobre a medicina, doença e cura na perspectiva homeopática no ano de 1810, através do livro “Organon da arte de curar pela homeopatia”²¹. Nesse livro HAHNEMANN expunha com clareza sua nova tese sobre o que seria um indivíduo doente, o papel que o médico teria para a cura desse doente e os seus métodos de como deveria ser preparado o medicamento. Em um dos trechos do livro, logo no início, ele já deixa claro que o novo método encontrado por ele possui uma concepção bastante diferente da medicina praticada até então:

O homem é um ser espiritual e somente o espírito consegue sarar o corpo. A doença só existe porque o espírito do homem admite e existência da doença. Apresentando-se ao espírito (ou à força vital) a medicação correta na dose correta, por período de tempo correto, o espírito muda sua maneira de considerar e a doença vai-se embora. Os medicamentos homeopáticos curativos raras vezes são usados sob forma material. A energia curativa é liberada da substância medicinal através da separação de suas partículas por um meio inerte, durante a aplicação de energia física. A energia curativa específica em qualidade de acordo com sua fonte material apresenta uma ação

²⁰ Sobre esse assunto ver LUZ, Madel. *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: ed. Dynamis, 1996. Segundo LUZ, a homeopatia teve um período de implantação no Brasil, que vai de, aproximadamente, 1840, data em que Benoit Mure, médico francês, começou a propagar os fundamentos dessa terapêutica no país, até a criação do primeiro instituto Hahnemanniano do Brasil em 1859.

²¹ HAHNEMANN, Samuel. *Organon da arte de curar pela homeopatia*. São Paulo: Livraria Roca, 1982.

*direta sobre a força vital. Os medicamentos homeopáticos não desenvolvem, provavelmente, ação direta sobre a massa física do organismo*²².

Ao dizer que o homem é um ser “espiritual” e diagnosticar que existe uma “força vital” nos indivíduos, HAHNEMANN já mostrava o quanto a nova terapêutica divergia da medicina praticada até então. Para ele, o médico deveria compreender as “reais” causas que geravam no indivíduo a doença, e que não eram simplesmente os sintomas manifestados, mas alterações no estado de saúde dos indivíduos sadios, e essas alterações envolviam não somente o corpo físico, mas anunciavam a existência de uma energia geradora da vida. As causas das doenças não estariam simplesmente nas manifestações físicas dos pacientes, ou em problemas patológicos eminentes, mas na própria maneira de viver do paciente e na observação dos antepassados familiares do mesmo. Percebendo dessa forma as causas das doenças, colocou-se necessário formular uma nova forma de curar, pois,

*Se os médicos fossem capazes de refletir sobre os tristes resultados do tratamento alopático teriam eles há muito descoberto a grande verdade que a verdadeira e radical arte de curar deve ser encontrada exatamente no oposto de tal tratamento alopático de supressão dos sintomas das doenças. O emprego homeopático de medicamentos de acordo com a similiaridade dos sintomas conduzirá a uma cura permanente e perfeita, com doses utilizadas pelo médico comum*²³.

A medicina proposta por HANHEMANN naquele momento procurava, então, encontrar uma nova forma de compreender o indivíduo doente e o processo de cura. Muitas das motivações da proposta desse médico partiam de seu descrédito com a medicina alopática como podemos observar no trecho acima. Não vamos nos alongar muito dentro da discussão presente naquele período, mas colocamos essas questões para que o leitor possa compreender melhor o que é a homeopatia e um pouco do contexto do seu surgimento.

Homeopatia é, portanto, uma terapêutica que partiu de uma insatisfação desse médico alemão com a medicina alopática, como podemos observar no *Organon da arte de curar*. Durante a primeira parte dessa pesquisa, onde ainda buscávamos a construção

²² Ibidem, pp. 16.

²³ Ibidem, pp. 31.

da presente análise, em muitas comunicações apresentadas nos encontros e seminários tivemos que recuar para certos conceitos e diferenciar a homeopatia de outras práticas alternativas, sobretudo da fitoterapia²⁴. Ao expor para as pessoas a nossa problemática percebíamos que a idéia de homeopatia variava entre os participantes, o que muitas vezes possibilitou aproveitar essa variedade para buscarmos no aspecto social o local de onde partem as concepções presentes em cada um e de que forma elas vão se alterando. Esse tipo de observação nos levou a trabalhar, por exemplo, com a mídia, pois para muitas pessoas todas as informações que elas possuíam eram da leitura de uma revista ou de um programa de televisão. Já em outros casos, quando a pessoa compreendia melhor o que viria a ser medicina “alternativa” e homeopatia, foi por ter tido uma experiência direta com a terapêutica e/ou acompanhou um amigo/familiar.

Antes de avançarmos um pouco mais nesse ponto sobre o acesso ao conhecimento, gostaríamos que ficasse um pouco mais clara a distinção entre alopatia e homeopatia, e de como fica a chamada medicina “alternativa” nesse meio, tendo em vista que isso é essencial para a compreensão desse trabalho.

Uma das diferenças básicas entre a alopatia e homeopatia, e que HANHEMANN chama bastante atenção quando ele escreve sobre o “tratamento” alopático, é o medicamento utilizado em ambas terapêuticas. Os medicamentos alopáticos são pensados e produzidos através do uso de substâncias químicas, extraídas da natureza ou sintetizadas em laboratórios. Essas substâncias podem atuar em qualquer parte do corpo segundo suas especificidades, mas o importante é percebermos que são substâncias que atuam no organismo de forma direta, para aquilo que foram programadas.

Na homeopatia os medicamentos são pensados de forma bastante diferente, sendo este uma espécie de estimulador do organismo. As substâncias utilizadas, que podem ser retiradas do reino animal, vegetal e mineral, antes de serem ingeridas são altamente diluídas em álcool ou água destilada, chegando a casos onde testes de laboratório sequer conseguem registrar a presença de matéria no medicamento. Dessa forma, o medicamento age estimulando o organismo da pessoa a produzir a própria cura para o seu estado de doença; esse tipo de ação não está ligado somente ao corpo da pessoa, mas como observamos em HANHEMANN²⁵, possui um elo com a “força vital”.

²⁴ Tratamento que utiliza medicamentos extraídos das plantas, geralmente utiliza-se chás, temperos e conservas. A partir da última década, a fitoterapia pode ser encontrada inclusive em cápsulas de remédios e em manipulações de farmácias.

²⁵ HAHNEMANN, Samuel. *Organon da arte de curar pela homeopatia*. São Paulo: Livraria Roca, 1982.

Outro ponto importante de frisarmos é sobre a concepção de doença e corpo para ambas terapêuticas. A alopatia estuda o homem através de sua fisiologia e de sua anatomia, compreendendo as funções e as micro-funções de cada órgão, de cada enzima, das glândulas, enfim, como é desempenhado o papel de cada estrutura do organismo e como elas compõem o todo. A doença nesse caso, e aqui não estamos entrando nas formas como elas são causadas, são manifestadas em uma parte ou em outra nesse corpo. Essas doenças, devido aos seus sintomas fisiológicos agrupados e específicos, possuem nomes tais como hepatite, coqueluche e difteria.²⁶ Os medicamentos são estudados e manipulados a partir da compreensão de como atua cada doença dentro do organismo, buscando combater e cessar os sintomas por ela provocados.

Na homeopatia, as noções de organismo e indivíduo são bem próximas; para essa terapêutica as manifestações físicas dos sintomas são um estágio de adoecimento. Assim, não existe essa ou aquela doença, existe o indivíduo doente. Para os homeopatas, as muitas doenças que existem podem ser sintomas gerados de uma mesma causa, o que se denomina miasma. O miasma²⁷ seria como uma espécie de doença presente na “força vital” de cada indivíduo doente, e que se manifesta com sintomas diferenciados em cada pessoa, o que seria as doenças para a alopatia. Nessa terapêutica o corpo do homem é constituído por três “partes”: o corpo físico, onde aparecem sintomas patológicos, o corpo emocional, que envolve sentimentos como ansiedade e nervosismo, e o corpo mental, que seria a chamada “força vital”, responsável em harmonizar os três planos que formam o indivíduo. A doença para a homeopatia pode estar em qualquer parte desse indivíduo, sendo o plano mental o mais alto da hierarquia dos sintomas apresentados, depois o mental e por último o físico. Os medicamentos não atuam somente no físico das pessoas, mas também nos outros dois planos.

Essas diferenças de concepções entre alopatia e homeopatia correspondem à natureza de constantes desentendimentos entre os terapeutas. Durante a pesquisa

²⁶ Hepatite: inflamação do fígado; coqueluche: doença infecciosa aguda que incide especialmente em crianças, caracterizada por acessos de tosse espasmódica; difteria: doença infecciosa bacteriana que se caracteriza pela formação, principalmente na faringe e laringe, de pseudomembranas e por fenômenos gerais de intoxicação (paralisia).

²⁷ Sobre esse assunto, Hahnemann se refere principalmente às doenças crônicas. Segundo o método homeopático existem três miasmas originários das doenças, que são a psora, a síscose e a sífilis, dos quais parte as doenças crônicas fisiológicas. Afirma que “as verdadeiras doenças naturais crônicas são as derivadas de um miasma. São elas os mais numerosos e mais importantes flagelos da raça humana, que vão crescendo e piorando a despeito de se ter a mais robusta constituição, o mais metódico modo de viver e a força vital mais vigorosa.” HANHEMANN, F. Samuel. *Organon da arte de curar pela homeopatia*. São Paulo: Ed. Livraria Roca, 1982. (pp. 38)

percebemos que a concepção alopática é hegemônica, motivo pelo qual nos acostumamos a chamar outras terapêuticas de “alternativas”. Quando HAHNEMANN utiliza o termo “arte de curar” ele está defendendo o espaço de sua terapêutica na sociedade, pois a “arte de curar” é, na verdade, a medicina. Associar a idéia de medicina ao tratamento alopático é algo historicamente construído, que acabou privilegiando, também, a prática institucionalizada dessa terapêutica. Portanto, partimos da compreensão de que a medicina, a “arte de curar”, é uma atividade peculiar, constantemente disputada pelas diferentes terapêuticas no exercício de sua prática cotidiana.

Ao trabalharmos com as maneiras como a mídia expõe essas questões para a sociedade, verificamos que o discurso da racionalidade técnica que compete à alopatia é bastante consolidado. Em todas as reportagens, tanto das revistas, como da televisão, mesmo quando o tema privilegia e compatibiliza com a prática da homeopatia, em certos casos, os repórteres permanecem sempre dentro do senso de que as doenças e o corpo são conceitos legitimados e que resta discutir somente as práticas a partir desses conceitos. Isso leva a uma disputa sem sentido, pois homeopatia e alopatia, como vimos, possuem compreensões, se quiserem, bastante antagônicas sobre doença, corpo e cura. Sendo assim, justificá-las ou afirmá-las com métodos iguais nos levará sempre a que um é verdadeiro e o outro é falso. A procura da verdade nesse caso não é algo que nos cabe, mas o sentido está em analisarmos de que forma essas coisas vão se constituindo dentro da nossa sociedade para que possamos encontrar o caminho da mudança.

Aqui sustentamos a tese central do nosso trabalho. Nos capítulos subsequentes o leitor poderá observar que muitas hipóteses servem para explicar os problemas referentes às diferenças entre as terapêuticas homeopática e alopática, e os motivos pelos quais médicos e pacientes fazem suas opções. Se fecharmos nossos olhos por alguns instantes e nos recordarmos das nossas aulas de biologia e ciências do ensino médio e fundamental poderemos ter algum conhecimento sobre mitocôndrias ou sistema circulatório, e nada sobre teoria miasmática ou “força vital”. A racionalidade técnica que faz parte das concepções da medicina alopática é algo que nos acompanha desde os primeiros passos da nossa educação, a partir dela criamos a idéia de legitimidade e confiança sobre determinadas coisas; a medicina, por exemplo.

Nos depoimentos constantemente essa racionalidade cria problemas sem soluções se não conseguimos transpô-la. Ela é responsável pela dicotomia entre as terapêuticas

que, em muitos casos, deveriam somar conhecimentos para a principal finalidade que é a cura. Nesses casos percebemos que os pacientes são os protagonistas das mudanças, pois a procura pelo bem estar e pela saúde tem levado muitos deles a circularem entre os diferentes espaços e associarem, quando necessário, ambas terapêuticas. Pouco importa para a pessoa se a revista possui determinada opinião sobre a homeopatia ou qualquer forma de tratamento, ou se os médicos alopatas não conseguem explicar porque a homeopatia não funciona. O importante são os bons resultados, o que o vizinho lhe explicou como conseguiu se livrar de uma doença utilizando a homeopatia, ou uma mudança nos hábitos alimentares proposta por um amigo que estudou um pouco de nutrição. A experiência prática do conhecimento é que prevalece.

Portanto, o conhecimento que se tem sobre as terapêuticas é a questão que colocamos. Em todas nossas observações notamos que as alterações no conhecimento das pessoas, tanto de médicos quanto de pacientes, é que trouxeram mudanças. Ao levantarmos essas hipóteses colocamos a necessidade de se compreender que, embora a alopatia permaneça hegemônica na nossa sociedade, a sua prática e suas concepções tiveram grandes mudanças devido a interferências de outras terapêuticas. Por outro lado, a homeopatia, para crescer enquanto prática médica, teve que ganhar outros espaços dentro da nossa sociedade.

Na dissertação de Maria Bernadete de Carvalho²⁸, a autora analisa como, a partir da década de setenta, estudantes de medicina passam a se interessar pela homeopatia na cidade de Belo Horizonte devido a certas incongruências da prática médica alopática. Apesar de ressaltar as transformações sociais presentes no período, as quais trabalharemos com mais calma num capítulo posterior, CARVALHO chama atenção para o problema do mercado de trabalho. Considerando o que ela denomina de “retomada social de uma prática terapêutica” como uma retomada social da institucionalização da prática médica homeopática, notamos que a especialização de alguns médicos na área da homeopatia, mesmo tendo base em questionamentos filosóficos das práticas alopáticas, constituem uma disputa por um mercado de trabalho em curso desde aquele momento. A especialidade médica, em detrimento da formação de clínico, se fez necessária não somente por conta do grau de cientificidade desenvolvido, mas por uma necessidade prática:

²⁸ CARVALHO, Maria Bernadete. *Homeopatia: a retomada social de uma prática terapêutica*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de mestrado em Sociologia da FAFICH/ UFMG, 1988.

(...) mesmo nas entrevistas com integrantes das primeiras turmas de homeopatas a ingressarem no mercado, observa-se o repúdio à prática alopática se faz pela crítica a elementos resultantes do processo que modifica, rapidamente, as condições do exercício médico. Neste momento, as transformações em curso começam a interferir diretamente na organização das escolas médicas, não só através do aumento do número de alunos como, também, através dos contratos para prestação de serviços a instituições previdenciárias e de saúde pública. Isto se articula com a orientação adotada pelas escolas no sentido da formação de médicos generalistas, voltados para o atendimento das doenças de maior prevalência na população. Esta força de trabalho destina-se a suprir as necessidades criadas pelos programas que visam a expansão da cobertura dos serviços de saúde estatais. Concomitantemente, assiste-se à hierarquização das necessidades de profissionais médicos e a valorização diferencial destes, de acordo com sua localização numa pirâmide que vai do médico generalista ao médico altamente especializado. Tais condições conduzem a uma super-valorização deste último, em termos de remuneração e prestígio social. Universidades e principais centros de prestação de serviços absorvem a tecnologia médica sofisticada e difundem sua utilização num reforço a este processo. Por outro lado, o refinamento das informações e atos médicos possíveis, por esta via, leva à especialização médica e à fragmentação do saber em uma multiplicidade de campos específicos, o que não deixa de comprometer uma formação clínica geral.²⁹

Podemos perceber, junto com a autora, que as transformações sociais, especificamente no que trata do exercício da profissão, é um caminho para compreendermos porque o tipo de conhecimento que se ensina não corresponde somente a uma disputa no campo epistemológico entre ambas terapêuticas, mas a uma disputa no espaço de atuação.

Numa outra dissertação, Adriana Maria de Figueiredo³⁰ trabalha com o tema da constituição profissional da medicina homeopática na interação com a medicina alopática, onde ela discute como o discurso da racionalidade técnica ganha espaço dentro da nossa sociedade se atrelando às políticas públicas de saúde e fazendo acordos com o Estado. Para FIGUEIREDO,

O processo de profissionalização requer a luta dos profissionais para conquistar e garantir privilégios para sua profissão. Nessa luta a profissão de médico homeopata foi, em primeiro momento, “descredenciada” pela medicina alopática que obteve uma monopolização do mercado de trabalho, garantida pelo Estado. Quando a homeopatia ressurgiu já na metade dos anos setenta, ela será, obrigatoriamente, regulamentada pela medicina alopática. Fato que não

²⁹ Ibidem, pp. 84.

³⁰ FIGUEIREDO, Adriana Maria. *A constituição profissional da medicina homeopática na interação com a medicina alopática*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de mestrado em Sociologia da FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 1994.

podia ser diferente, uma vez que a legislação vigente no Brasil e todo sistema de ensino médico são do domínio da profissão médica alopática. Para alcançar o status de profissionais, os médicos homeopatas mantêm sua reverência às instituições médicas alopáticas dominantes e , só a partir daí, procuram estabelecer seu campo exclusivo de conhecimento e prática. E para alcançar o controle legítimo de sua esfera de conhecimento e o conseqüente domínio de seu trabalho, os médicos homeopatas precisam exercer atividade política constante³¹.

Trouxemos essas duas reflexões para pensarmos um pouco sobre o papel do espaço institucional de formação do conhecimento médico e de que maneira isso reflete nas práticas terapêuticas. Como podemos observar em CARVALHO e FIGUEIREDO, a prática institucionalizada da homeopatia cresceu a partir da década de setenta, o que acabou, no ano de 1980, conferindo à homeopatia o status de especialidade médica. Ao analisarem essa “retomada” da homeopatia, seja ela por motivos de mercado ou por motivos epistemológicos, as autoras partem da observação da prática médica via instituição, que é o próprio espaço gerador das disputas entre as terapêuticas.

A homeopatia sempre teve uso corrente no Brasil durante o século vinte, entretanto sua prática durante o período que vai de 1930 a 1940, ficou restrita a poucos médicos que estudavam por conta própria e faziam parte do Instituto Hahnemaniano do Brasil, e a pessoas diversas que praticavam a homeopatia em casa e/ou centros espíritas, este último responsável pelo maior número dessas pessoas. Essas referências estão fundamentadas no livro de José Alberto Moreno³², que é homeopata popular, formado em Geografia e atualmente ministra cursos para formação em homeopatia para acadêmicos ou para qualquer pessoa que se interesse e que possua graus mínimos de alfabetização. Para MORENO, a prática da homeopatia é uma prática popular desde o seu estabelecimento no Brasil pelo médico francês Benoit Mure, pois devido às constantes perseguições acadêmicas promovidas pelos médicos alopatas, a homeopatia procurou sempre, também, atuar junto à população para garantir sua sobrevivência, medicando e ensinando.

Mesmo com a tentativa da comunidade médica em absorver esse “mercado” de atuação, esse tipo de prática popular, apontada por MORENO, foi percebida em nossa pesquisa como comum em nossa sociedade. Na cidade de Uberlândia diversos centros

³¹ Ibidem, pp. 159.

³² Moreno, José Alberto. *O direito popular do uso da homeopatia no Brasil*. Belo Horizonte: ed. LuzAzul, 1996.

espíritas possuem médiuns que distribuem receitas homeopáticas para a fila de pessoas que procuram esse tratamento. Um dos nossos depoentes é homeopata popular na cidade de Belo Horizonte que atende em centros espíritas, escolas públicas e em casa. Um número crescente de pessoas tem se interessado pela homeopatia e o seu espaço de atuação tem aumentado na última década.

A institucionalização da prática homeopática, observada por CARVALHO e FIGUEIREDO, trouxe muitas possibilidades para que a prática homeopática disseminasse entre as pessoas. Enquanto, academicamente, homeopatas e alopatas disputam e criticam essas terapêuticas, essa institucionalização fez com que o número de farmácias homeopáticas nas cidades triplicasse na última década. Isso melhorou o acesso tanto dos pacientes dos consultórios, quanto dos pacientes dos centros espíritas e de outros agentes da homeopatia na nossa sociedade.

Outro caminho aberto a partir da institucionalização da prática homeopática é a interferência desse saber na prática médica alopática. Inicialmente com a homeopatia, posteriormente com a acupuntura e outras práticas terapêuticas, a medicina alopática vem sofrendo profundas transformações nos seus métodos de atuação e em sua epistemologia. Não estamos aqui afirmando que a causa disso foi a abertura institucional desta ou daquela modalidade terapêutica, mas, ao contrário, a institucionalização e aceitação, por parte das pessoas e dos médicos, de outras modalidades terapêuticas na nossa sociedade demonstram a tese de que a alopatia não se sustenta pela racionalidade técnica que a diferencia das outras modalidades terapêuticas. Entre as pessoas tem prevalecido a necessidade de estar bem.

A interferência da homeopatia na prática médica alopática pode ser percebida na forma como os médicos têm demonstrado a insuficiência de seus métodos e de seu conhecimento. Diante dessas questões, tornou-se necessário aproximar-nos um pouco de como a medicina alopática tem refletido sobre suas práticas.

Tomamos como ponto de partida a experiência apreendida durante a disciplina “Introdução à homeopatia”, cursada no Instituto de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) no primeiro semestre de 2003. A UFU possuía um dos pouquíssimos cursos de medicina alopática no Brasil que oferecia uma cadeira de homeopatia para os alunos de graduação, contudo, ela não era obrigatória. Esse foi o último semestre dessa disciplina no curso, retirada após a aposentadoria do professor.

Durante a disciplina tomamos várias notas das questões levantadas pelo professor ministrante. Observamos que mesmo se tratando de uma ementa voltada para o estudo

da terapêutica homeopática, as reflexões realizadas em sala de aula pelo professor fazendo uso de sua experiência enquanto profissional da área de saúde, demonstraram como a alopatia necessita abrir seus métodos e suas concepções para que consiga alcançar seus objetivos. Ao longo do semestre foi exposto como os diagnósticos clínicos, a partir de exames de laboratório, bastante utilizados entre os alopatas, ajudam, mas em muitos casos acabam implicando em erros sérios por parte do médico que trabalha somente com esses exames, posto que essa prática tem distanciado o médico dos seus pacientes, que passam a confiar sua relação aos exames. Outro ponto muito comentado durante as aulas é o fato de os alunos de medicina reduzirem seus instrumentos de cura, basicamente, ao uso dos remédios químicos, o aprendido durante as aulas de farmacologia.

Nessa experiência junto aos alunos de medicina pude perceber como são raros o contato deles com outras modalidades terapêuticas. A disciplina sobre homeopatia serviu somente para mostrá-los que existem outras possibilidades fora do cientificismo acadêmico de suas formações. Serviu também para alertá-los dos constantes atropelos que ocorrem nos consultórios e hospitais, sobretudo o público, onde o que importa é acabar com as dores e mandar o paciente de volta pra casa, sem preocupações com as causas do que os levou até ali. Um fato importante de comentar é que mesmo sendo rápido o contato desses alunos com a homeopatia, muitos deles despertaram o interesse pela terapêutica e já indicavam que queriam seguir aquele caminho também, e não ficar somente com a racionalidade técnica.

Para o leitor compreender melhor como a presença de outras modalidades terapêuticas tem modificado tanto a prática quanto a formação dos médicos na nossa sociedade, notemos como a compreensão de corpo e doença tem se alterado para a alopatia. O trecho a seguir foi retirado de um livro de fisiologia estudado nos cursos de medicina durante a década de oitenta, possivelmente até hoje, pois o livro estava na prateleira da biblioteca do Campus Umuarama (UFU):

Nenhuma máquina, por mais perfeita que seja, por mais funcional que possa ser, por mais complexa que se apresente, permite nem mesmo uma pálida comparação com um organismo vivo. As inter-relações entre os diversos órgãos e sistemas de um organismo vivo, feitas através dos mais sutis e perfeitos mecanismos eletroquímicos, criam uma perfeita harmonia do conjunto. A violência de um tigre, a indolência do bicho-preguiça, a reprodução dos roedores, a admirável organização social das abelhas, a guerra das formigas, a beleza do vôo das aves, a imponência dos cisnes, nada mais são do que um perfeito entrosamento entre uma cúpula reguladora e

*vários órgãos acessórios que obedecem, de forma rigorosa, às ordens emanadas do centro com um gasto mínimo de energia, à procura de uma condição ideal na luta contra o meio e em benefício da evolução de sua própria espécie.*³³

Como vimos, o interno prevalecia sobre o externo. Até mesmo a “violência de um tigre” e a “admirável organização das abelhas” são percebidos pelas suas manifestações internas, onde se perde a referência externa geradora de muitos sentimentos e necessidades de sobrevivência. A medicina alopática por muito tempo permaneceu nessa busca constante pelas causa das doenças, revirando células, penetrando nas estruturas pormenorizadas do organismo e extraíndo órgão; perdendo, assim, a noção de que os organismos vivos, para além dos “perfeitos mecanismos eletroquímicos”, são, também, pessoas que levam uma vida regrada de tarefas, passeiam, comem, amam, dormem, e fazem compras no supermercado.

Assim, essas pessoas, ao sentirem necessidade de outros olhares sobre seus corpos, sobre suas doenças, não permanecem somente num médico que diagnostica seus sintomas e passam uma receita, sendo que em poucos dias essa pessoa pode estar doente novamente. Os próprios médicos, como aponta o professor de Introdução à Homeopatia, percebem que precisam de outras compreensões desse “organismo vivo”, elevando-o a um outro patamar, o de indivíduo dentro de uma sociedade.

Em um estudo realizado pela médica Jadete Barbosa Lampert³⁴, é feita uma análise de como têm ocorrido as mudanças na formação médica no Brasil, levando-se em consideração o campo de atuação profissional e a sua influência no processo de formação do aluno. No capítulo intitulado *Paradigmas da educação médica*³⁵, a autora discute sobre a necessidade da medicina alopática ampliar seu conceito de saúde e doença, estendendo a saúde para além da ausência de sintomas. Contudo, ao buscar significados para essa mudança, a autora não abre o caminho dessa compreensão para o aprendizado com outras terapêuticas, mas para uma relação interdisciplinar com as ciências sociais:

Desde o início do século XX, sociólogos e antropólogos, por meio de estudos empíricos, trouxeram grande contribuição ao demonstrar que a

³³ NETTO, Ângelo Presotto. *O corpo humano*. Franca: Ed. Iguatemi LTDA, 1986, pp 11.

³⁴ LAMPERT, Jadete Barbosa. *Tendências de Mudanças na formação médica no Brasil: tipologia das escolas*. São Paulo: Hucitec, 2002.

³⁵ Ibidem, pp 63-104.

doença, a saúde e a morte não se restringiam a uma evidência orgânica, natural objetiva. Estavam relacionadas com as características de cada sociedade, revelando que a doença é uma realidade construída e o doente é um personagem social.

Pode-se dizer, com base nas ciências sociais, que existe uma ordem de significações culturais mais abrangentes, a qual informa o olhar lançado sobre o corpo que adoece e que morre. O indivíduo, no plano das representações, avalia o seu estado e a dinâmica de “ficar doente” não apenas por manifestações intrínsecas, mas a partir de seus efeitos, buscando no médico ou correspondente a legitimidade da definição de seu estado, do que retira atitudes e comportamentos que o tornam doente para o outro, para a sociedade. Portanto, a linguagem da doença não é apenas relativa ao corpo, mas também à sociedade e às relações sociais³⁶.

Podemos perceber, com base no estudo de LAMPERT, que as pesquisas na área da medicina alopática estão preocupadas em buscar novos significados para conceitos antes solidificados com a racionalidade técnica. No fragmento destacado, notamos como houve uma mudança na própria noção de indivíduo e uma percepção de que o doente e a doença fazem parte de uma representação social em cada época e em cada sociedade. A aproximação com as ciências sociais possibilitou um estudo em outra perspectiva que não parte da compreensão patológica de doença, mas da perspectiva do doente, que por sua vez possui relação com a sociedade.

Com esse tipo de pensamento, a formação médica alopática passa a conhecer, também, a sociedade na qual está inserida, reconhecendo que os sujeitos – no caso, os pacientes e os médicos – e a própria medicina compõem um tempo histórico marcado por suas formas de organização social, lutas, diferenças e necessidades de transformação. Assim, é inerente que essas mudanças no campo do conhecimento modifiquem constantemente a formação médica, abrindo margem para outras práticas terapêuticas, uma vez que isso parte de uma necessidade prática.

Porém, cruzando os dados, percebemos durante as observações e as discussões realizadas durante o curso sobre homeopatia realizado na UFU, para que essas mudanças constatadas e analisadas por LAMPERT no seu estudo ocorram, o que é bastante recente, certamente necessitam de um longo prazo para representarem mudanças consolidadas na nossa sociedade. Essas mudanças não correspondem somente às formas como o conteúdo será ensinado na faculdade, ou de alterações no campo do conhecimento alopático, mas devem corresponder enquanto prática social. E para que isso ocorra não basta modificar a formação do médico, as mudanças devem estar no

³⁶ Ibidem, pp. 75.

próprio perfil do aluno que passará pelo curso e dos pacientes que se submetem ao tratamento. Em outras palavras, a hegemonia dos valores elaborados no campo do conhecimento alopático não está centrada somente no universo acadêmico, mas é um modo de compreender o corpo, as doenças e a cura que estão difundidos socialmente.

Como já apontamos, para a prática da terapêutica homeopática essa noção ampliada de indivíduo e doença, levando em consideração a sociedade na qual ele está inserido, é proposta por HAHNEMANN no *Organon da arte de curar pela homeopatia*³⁷. Nesse sentido, com amparo da nossa experiência na realização dos depoimentos, podemos dizer que ao trabalharem com essa noção diferenciada de doente e doença, a homeopatia tem se destacado em nossa sociedade na relação médico-paciente. Como iremos perceber nos capítulos posteriores, muitos pacientes procuram os homeopatas não somente por interesses na terapêutica em si, mas por conta do tipo de consulta. Àquilo que LAMPERT atribui o seguinte trecho “buscando no médico ou correspondente a legitimidade da definição do seu estado”, é o baluarte para compreendermos um dos significados do tratamento homeopático para as pessoas.

Ao transitarem de um consultório ao outro, ou de um consultório para um centro espírita onde serão tratadas, possivelmente, por um homeopata popular, as pessoas não estão procurando a “forma” correta, ou aquilo que se legitima institucionalmente. Elas almejam um tratamento que corresponda àquilo que ela está sentindo, àquilo que ela acredita que pode fazê-la se sentir bem. Esse é um dos motivos que tem levado médicos a disputarem espaço com médiuns, homeopatas populares, curandeiros, acupunturistas e outras modalidades de cura, pois a medicina alopática não consegue se segurar somente com o seu discurso fundamentado na racionalidade técnica; por isso, em vários momentos ao longo de sua trajetória social, ela teve que se apoiar na autoridade do Estado para se legitimar, como observou o historiador Ricardo Lafetá Novaes³⁸:

*(...) a condição subordinada da homeopatia seria, também, resultante de uma ação estatal coerente com os seus marcos estruturais do desenvolvimento capitalista. Portanto teria ela sido objeto de interdição formal, dado que a ciência oficializada teria tido poder suficiente para sufocar uma proposição que a ela se opunha e se lhe contestava. O controle da ordem médica oficial sobre a arte de curar teria reprimido um saber, que lhe seria superior, considerados os marcos de um modo liberal de exercício profissional*³⁹.

³⁷ HAHNEMANN, Samuel. *Organon da arte de curar pela homeopatia*. São Paulo: Livraria Roca, 1982.

³⁸ NOVAES, Ricardo Lafetá. *O tempo e a ordem: sobre a homeopatia*. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

³⁹ Ibidem, pp. 24.

Nesse estudo, NOVAES nos ajuda a perceber como a condição institucional da medicina alopática suprimiu, no espaço do mercado de trabalho, outras práticas terapêuticas. Ao avançarmos nossa discussão, vamos perceber como a hegemonia da alopatia se constitui por um discurso em torno de seus métodos e filosofias de atuação, somados às suas estratégias institucionais, e menos pela qualidade prática de atendimento.

Muitas pessoas não possuem sequer a noção de que existem outras modalidades terapêuticas, com o seu legítimo valor. De outra forma, mesmo algumas pessoas que possuem o conhecimento de que existem outras possibilidades de tratamento para seus males, fica sempre a dúvida gerada pela racionalidade técnica, que desconfigura a eficácia desses tratamentos, seja via mídia ou através dos consultórios, criando assim, como observou NOVAES, uma interdição na circulação de conhecimento, o que acaba “reprimindo um saber”.

Entretanto, NOVAES observa essas questões durante a década de 1980, período em que a prática homeopática – a institucionalizada e a popular – ganhavam força dentro da nossa sociedade. Fazendo uma ponte com o trabalho de LAMPERT, podemos perceber que as práticas “alternativas” têm influenciado em vários âmbitos a hegemonia da medicina alopática. Essa terapêutica tem enfrentado os mais duros golpes atualmente, numa época onde estão ficando comuns as doenças causadas por perturbações emocionais e por problemas relacionados à conturbada vida urbana. Durante o percurso dessa pesquisa, verificamos que prefeituras – como a de Uberlândia e Belo Horizonte – e planos de saúde estão abrindo espaços para a atuação dos profissionais da homeopatia.

São muitas as desconfianças geradas pelo tratamento alopático. Sabemos que a prática homeopática não é resposta para todos os problemas com relação à saúde que envolvem a nossa sociedade. Contudo, a problemática que colocamos busca demonstrar como o conhecimento no campo da medicina muitas vezes não corresponde às necessidades práticas que se colocam em diferentes épocas. Antes disso, possuem diversos fatores que influenciam a prática médica, seja ela alopática ou homeopática. Mas a nossa preocupação é pelo fato desses fatores prevalecerem perante a funcionalidade primordial que deveria ser o exercício da medicina: garantir a melhor e mais viável forma de tratamento para que os progressos tecnológicos não visualizem o lucro, mas a saúde das pessoas.

Nesse sentido, nossa pesquisa demonstra, também, a luta “silenciosa” das pessoas que em condições de dificuldades em relação a sua saúde, derrubam as “interdições” analisadas por NOVAES e partem para a procura de uma terapêutica que consiga resolver os seus anseios, seja ela a mistura entre homeopatia, alopatia e outras mais. Todos esses elementos trabalhados até agora, no que diz respeito ao crescente espaço que a homeopatia vem ocupando, às transformações que estão ocorrendo dentro da terapêutica alopática e ao processo institucional, apontam para a necessidade de alterar as formas como a medicina está sendo praticada em âmbito geral.

As considerações que encerram esse capítulo não estão sendo colocadas para serem respondidas enfaticamente nos capítulos posteriores; mas para que permaneça alguns apontamentos que são inerentes ao tema para analisarmos as questões referentes a medicina, corpo e doença numa sociedade onde o consumo está na ordem do dia.

Num artigo intitulado *Fragmentação e doença do corpo na sociedade de consumo*, o professor de educação física da PUC Ricardo Melani⁴⁰ discute como a sociedade atual criou um corpo cansado de ser objeto de consumo, e que as pessoas têm se preocupado cada vez mais com as partes ínfimas desse corpo, criando a mercadoria corpo:

*Criar necessidade de toda ordem é tão importante para o sistema capitalista quanto o oxigênio o é para a vida humana. A propaganda em especial e a mídia como um todo tratam de fornecer cada vez mais oxigênio para o sistema. O ser humano é tão bombardeado por novas necessidades que não consegue distinguir as primárias das secundárias, o básico do supérfluo. Há mercadorias que são adquiridas e nunca utilizadas, como se o ato de consumir fosse auto-suficiente. (...) A mercadoria corpo obedece à lógica do sistema. O corpo é sempre entendido como uma função cuja incógnita é preenchida pelas necessidades da sociedade de consumo.*⁴¹

Esse é outro problema que se coloca para pensarmos o ideal de consumo que tem envolvido os agentes da medicina alopática. Ao se alinharem aos laboratórios, a prática médica tem se tornado alvo de verdadeiras campanhas dos laboratórios para que os médicos adotem o medicamento produzido por aqueles. Muitos desses medicamentos são perfeitamente substituíveis por uma mudança na dieta, ou por algumas medidas preventivas no comportamento das pessoas. Porém a política dos medicamentos tem

⁴⁰ MELANI, Ricardo. *Fragmentação do corpo na sociedade de consumo*. IN: Revista PUC, Ano 6, N. 22, outubro a dezembro de 2004, pp. 63-73.

⁴¹ Ibidem, pp. 68.

levado médicos a receitarem sem necessidade, pois os laboratórios propiciam algumas vantagens nesse caso. Até mesmo durante o período de faculdade, os futuros médicos já estão sendo assediados por funcionários desses laboratórios responsáveis em fazer a propaganda nesses espaços.

São apenas alguns pontos que colocamos para pensar o uso dos medicamentos alopáticos em nossa sociedade. A indústria farmacêutica, que movimenta uma fortuna no mundo, tem influenciado e prejudicado a prática médica, distanciando-a de seus méritos e aproximando-a de uma prática de consumo. Muitos medicamentos que circulam no Brasil não deveriam sequer estar nas prateleiras das farmácias por causa de pesquisas que já demonstraram que seus componentes causam mais prejuízos do que benefícios aos pacientes.

Do outro lado, grande parte das pessoas não possuem o mínimo conhecimento dos problemas que podem ser causados pelo uso de determinadas substâncias. Não é novidade que existem as doenças chamadas iatrogênicas, causadas pelo uso constante de medicamentos. Porém, apesar de constatado que muitos medicamentos adoecem as pessoas mesmo aliviando os sintomas momentaneamente, continuamos sabendo disso de forma rasa. Ao longo do nosso trabalho, sempre quando levantamos esses problemas, poucos sabem do que se trata, e muitos dizem nunca terem sido alertado pelos médicos sobre todos os efeitos que o uso de determinados remédios podem causar.

Após recolocar algumas indagações presentes no nosso trabalho, cabe dizer que a medicina na nossa sociedade é um objeto de várias faces endossado para vários correspondentes. Mas as pessoas, um desses correspondentes, tendem, quando lhes abrem essa oportunidade, a buscar não aquilo que é hegemônico, mas aquilo que é viável. Sendo assim, falta informação e sobram possibilidades.

Capítulo 2



Sobre a homeopatia: controvérsias,
discursos e disputas através da informação

Falar em homeopatia na atualidade é um desafio que têm envolvido muitas polêmicas, sobretudo entre a comunidade científica. Vários médicos, farmacêuticos, químicos, entre outros profissionais, homeopatas e/ou alopatas estão sempre publicando artigos ou colocando suas opiniões sobre o assunto. Em linhas gerais, a grande preocupação está centrada em dizer se a homeopatia funciona ou não, sempre comparando-a com sua antítese, a alopatia. E afinal, a quem importa essas discussões veiculadas fora dos centros acadêmicos, em periódicos, telejornais ou livretos de banca de revistas?

Mas antes de entrar nessa questão, façamos uma breve pausa.

É notória a influência que os meios de comunicação possuem no nosso dia a dia. Quem nunca se deparou com pessoas que tomam voz através de uma notícia de jornal, ou uma reportagem de revista, ou seria mais contemporâneo dizer, através do telejornalismo? Vivemos a época da informação, e ela participa de forma inerente no nosso cotidiano, mesmo que não sejamos assíduos a esse tipo de comunicação. O fato é que a informação rápida, a qual circula pelos múltiplos canais de comunicação, faz parte do que podemos chamar de uma construção da opinião pública geral. Via de regra, quando determinados temas emergem no cotidiano das pessoas, elas sentem necessidade de discutí-los, procuram se informar sobre o assunto. Nesse sentido, os meios de comunicação estão ocupando um espaço formador de opinião, onde as pessoas colhem essas informações e processam no seu dia a dia, nem sempre de forma direta; dificilmente iremos encontrar pessoas que pesquisam em bibliotecas ou em livros todos os desejos de suas curiosidades.

Em seu estudo sobre a construção do que denominou “imaginação social”, o filósofo BACZKO⁴² nos mostra como em diferentes momentos históricos sempre existiu a necessidade dentro das diferentes sociedades, de um controle do universo simbólico desta, o que se tornou um campo de disputa. Para BACZKO, as inovações tecnológicas que ampliaram os mecanismos de difusão das idéias configuraram, no campo da imaginação social, estratégias cada vez mais especializadas com o objetivo claro de ocupar os bens simbólicos, ou em outras palavras, para garantirem a manutenção de determinados valores e poderes dentro da sociedade.

O imaginário social elaborado e consolidado por uma coletividade é uma das respostas que esta dá aos seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Todas as coletividades têm os seus conflitos, divisões e violências reais ou potenciais. Todas as coletividades têm os seus modos de funcionamento específicos a este tipo de representações. Nomeadamente, elaboram os meios da sua difusão e formam os seus guardiães e gestores, em suma, o seu pessoal.

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. O imaginário social é, pois, uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder. Ao mesmo tempo, ele torna-se o lugar e o objeto dos conflitos sociais⁴³

As reflexões de BACZKO servem de apoio para refletirmos sobre o nosso objeto de análise e as formas como a imprensa participa desse debate, tendo como mote o papel dos meios de comunicação na formatação de um imaginário social. O objetivo aqui é de analisar, através de algumas revistas de circulação nacional que atingem o público não especializado, e também, uma série de tele-reportagens noticiadas no programa Fantástico, como a imprensa de informação veicula determinadas concepções das práticas terapêuticas – homeopática e alopática –, e como essas concepções podem interferir na vida social. Muitas das opiniões escolhidas pelos editores desses veículos de informação são tratadas como verdades absolutas e transferidas ao público, sem nenhuma preocupação ou ponderação sobre o conteúdo emitido, que pode, muitas vezes, ser bastante digno de questionamentos.

⁴² BACZKO, B. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda. pp. 296-332.

⁴³ *Ibidem*, pp. 309-310.

A homeopatia é a terapêutica formulada pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), como já apontamos no capítulo anterior. Inicialmente a homeopatia foi assistida com bastante euforia, pois naquela época a medicina alopática era bastante agressiva, valendo-se de medicamentos altamente nocivos ao organismo humano. As proposições de HAHNEMANN, embora tendo conseguido muitas consagrações devido às curas pela nova terapêutica, não deixaram de sofrer severas críticas por parte da comunidade científica. É interessante observar que transcorreram mais de 150 anos, desde a publicação do “Organon” até os nossos dias, e as críticas e defesas sobre a legitimidade ou não da homeopatia continuam praticamente as mesmas, como nos mostram os artigos nas revistas. Apesar de muitas transformações terem ocorrido, tanto na terapêutica homeopática quanto na alopática, as opiniões sobre o assunto dificilmente saem do funciona ou não-funciona.

A crítica para a qual chamamos atenção está fundamentada naquilo que denominamos de racionalidade técnica. Como observamos nos trabalhos de CARVALHO e FIGUEIREDO, discutidos no capítulo anterior, a homeopatia, ou melhor, os médicos homeopatas, sempre buscaram a legitimação de sua prática profissional – e não confundamos isso com a prática homeopática na sociedade, o que não depende das instituições. Porém, nos critérios de racionalidade técnica, a homeopatia sempre foi considerada uma terapêutica infundada, sem critérios científicos. Como iremos demonstrar nesse capítulo, para o discurso científico, a homeopatia sempre permaneceu como uma prática sem significados, pois ela trabalha com questões energéticas e com uma metodologia bastante difícil de ser comprovada em exames de laboratórios ou pelas mesmas formas com que são realizados os testes na terapêutica alopática. Essas críticas que partem de um pensamento cientificista acompanharam toda a trajetória da homeopatia dentro e dificultaram para que essa prática terapêutica ganhasse espaço social, sobretudo quando falamos da perspectiva institucional.

Observando a trajetória da homeopatia na sociedade brasileira, podemos perceber que esse conflito sempre esteve presente. Desde a fundação do primeiro Instituto Hahnemanniano do Brasil⁴⁴ até as recentes publicações analisadas, a homeopatia passou por diferentes aprovações entre os brasileiros.⁴⁵ Desde a década de 1980, ela vem

⁴⁴ Fundado em 1859 na cidade do Rio de Janeiro.

⁴⁵ Sobre esse assunto ver LUZ, Madel. *A arte de curar versus a ciência das doenças: História social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: Dynamis Editorial, 1996.

perdendo a marca de medicina alternativa e se transformando em uma especialidade médica, o que é justificado pela sua alta procura por parte das pessoas.

É fácil percebermos que na nossa sociedade contemporânea o que chamamos de medicina oficial, ou de medicina tradicional, é aquela praticada em mais larga escala, seja nos consultórios, hospitais ou nas universidades, enfim, a medicina científica alopática. É inegável a contribuição dessa medicina em termos de sociedade, pois verificamos ao longo dos tempos a erradicação de várias doenças que antes dizimavam populações e também os avanços em termos de qualidade técnica em cirurgias e atendimentos emergenciais. Entretanto, não podemos perder de vista que muitas dificuldades ainda devem ser enfrentadas, e que essa medicina institucionalizada não pode dar conta de todos os problemas da saúde social.

Levanto essas questões para colocar ao leitor algumas indagações iniciais que nos movem ao trabalharmos com o tema através das publicações nas revistas e das reportagens televisivas. Existe uma tendência contemporânea em associar a conturbada vida nos grandes centros urbanos à proliferação de certas doenças como o câncer ou males do coração, gerando uma curiosidade e um público altamente interessado em diferentes formas de tratamento. Passando rapidamente por uma banca de revistas, convido-os a observarem quantos são os periódicos que tratam do tema da saúde. Muitos. Não há dúvidas, a saúde é um tema central nos nossos dias.

Voltando à questão colocada inicialmente, a quem interessa essas discussões travadas através dos meios de comunicação? Podemos facilmente responder: a esse público leitor-espectador, que são pacientes em potencial. No geral, a mídia assume o discurso da medicina científica, preocupada em dar destaque às pesquisas elaboradas dentro das universidades ou por laboratórios farmacêuticos, mesmo quando está pronta para criticá-la. Dessa forma, a homeopatia é tratada como uma medicina complementar e/ou alternativa, que não possui bases comprovadas de eficácia. Numa reportagem escrita por Bárbara Soalheiro, na *Superinteressante*, intitulada “Medicina Alternativa”, o leitor, durante todo o texto, está diante de uma opinião que descaracteriza todas as terapêuticas diferentes da prática médica tradicional:

(...) Na verdade, estudos confiáveis atestando a eficiência de práticas alternativas são raríssimos. Veja o caso da homeopatia, certamente uma das mais conhecidas entre essas técnicas. Ela existe a mais de 200 anos, é procurada por milhões de pessoas no mundo todo e reconhecida oficialmente

*no Brasil como especialidade médica. Era de se esperar que, dada a sua popularidade, ela tivesse sido bem estudada pela ciência. (...)*⁴⁶

Trechos como esse não são raros de serem encontrados nas reportagens, que estão sempre procurando ou questionando a “eficiência” das “práticas alternativas”. Existe uma necessidade de que essas práticas passem por prova científica, e justifiquem uma coisa que os repórteres e médicos já reconhecem: o fato de ela ser procurada por milhões de pessoas no mundo todo e ser aceita como especialidade médica.

Outro ponto comum, que felizmente tem ocorrido com menos frequência, é que para grande parte dos críticos das chamadas “práticas alternativas”, todas elas são colocadas num mesmo lugar, não havendo diferenciação entre elas. Acupuntura, fitoterapia, homeopatia, iridologia⁴⁷, são todas “alternativas”, sem bases científicas comprovadas, e que funcionam, quando funcionam, por efeito placebo, ou seja, através da sugestão ou influência:

*(...) os pacientes desses consultórios tendem a simpatizar com seus terapeutas e a fazer uma análise pouco objetiva. Às vezes a doença passa sozinha e o sujeito, já inclinado a uma avaliação positiva, fica com a impressão de que o tratamento é que deu certo*⁴⁸.

A efervescência dessas “práticas alternativas”, na qual se insere a homeopatia, é um fenômeno bastante recente, de aproximadamente duas décadas. Uma das explicações dadas a esse fenômeno são, além dos bons resultados colhidos por essas terapêuticas entre os pacientes, as constantes críticas conferidas à medicina alopática, sobretudo no que diz respeito à indústria farmacêutica e no uso indiscriminado de remédios. Em um recente artigo publicado na revista *Superinteressante*, escrito por Jomar Moraes⁴⁹, podemos perceber como esse assunto é veiculado ao público:

(...)São analgésicos para a dor, ansiolíticos para relaxar, antiinflamatórios e até mesmo comprimidos de afetaminas usados para conter o apetite que tantas

⁴⁶ SOALHEIRO, Bárbara. Medicina Alternativa. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, jan/2004, N. 196, pp. 54.

⁴⁷ É uma terapêutica que trabalha através do estudo da íris e do globo ocular para diagnosticar e curar as pessoas.

⁴⁸ Ibidem, pp.55.

⁴⁹ MORAIS, Jomar. Viciados em remédios. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, fev/2003, N. 185, pp. 42-49.

*vezes você não consegue controlar naturalmente. Em meio ao nervosismo, você não se dá conta de que alguns desses remédios ingeridos diariamente podem causar mais danos e dependência que as substâncias que você conhece como “drogas ilícitas”*⁵⁰

Mas para Jomar Morais, apesar do uso indiscriminado de remédios gerar muitos casos de intoxicação e mortes, não podemos culpar somente as pessoas ou os balconistas de farmácia; a prática médica também deve ser observada. Muitos médicos somente conhecem o caminho dos medicamentos, dos diagnósticos laboratoriais, perdendo o contato direto com os pacientes, motivo pelo qual, muitas pessoas se dirigiriam a outras práticas terapêuticas:

*Tradicionalmente, o que a medicina chama de doença são mudanças estruturais em nossas células, causadas por agentes específicos que devem ser combatidos com o uso de substâncias externas – os medicamentos. Mesmo reconhecendo que uma série de doenças são de fundo psicológico (as chamadas doenças psicossomáticas), boa parte dos médicos vêem no momento da prescrição uma forma prática e segura de abreviar a consulta*⁵¹.

Voltando à reportagem de Bárbara Soalheiro, podemos perceber que existe uma assimilação das “práticas alternativas” junto aos métodos utilizados pela medicina tradicional. É inegável a interferência daquelas, sobretudo quando se fala em doenças psicossomáticas. A alopatia esteve presa às amarras científicas cartesianas, com percepções muito objetivas e palpáveis do organismo, e quando lhe foi exigido algo mais do que tinha para oferecer, algo mais que as receitas no final da consulta, seus métodos se tornaram impotentes, permitindo uma abertura para outras práticas terapêuticas. Contudo, existe um limite bem claro para a atuação dessas “outras” terapêuticas:

Como regra geral, vale dizer que nenhuma das terapias alternativas deve ser usada em todas as circunstâncias. Se houver qualquer razão para suspeitar de uma doença mais séria, como um câncer ou uma infecção que não passa, um médico convencional certamente vai estar mais equipado para fazer o diagnóstico. As terapias alternativas podem ser boas maneiras de se manter saudável – já que muitas delas pregam o “equilíbrio” nos vários aspectos da vida, um jeito bem razoável de se prevenir doenças (...) De um modo geral, as

⁵⁰ Ibidem, pp. 43.

⁵¹ Ibidem, pp. 48.

*abordagens alternativas não existem para curar doenças, mas para preveni-las e para completar um tratamento convencional.*⁵²

Fica claro ao lermos os diferentes artigos publicados sobre o assunto que o caminho é sempre o do sensacionalismo informativo. Se lermos um artigo com o título “Viciados em remédios”, o autor está o tempo todo buscando informações que nos levam a crer que somos viciados em remédios e que isso deve ser combatido. Quando lemos um artigo sobre “Medicina Alternativa”, pelo caráter científico da revista, podemos nos preparar para as críticas à filosofia dessas práticas terapêuticas. Em suma, os conteúdos veiculados pela revista *Superinteressante* se aproximam bastante do cientificismo corrente na nossa “imaginação social”.

Ainda com BACZKO, o nosso imaginário social torna-se “inteligível e comunicável através da produção dos discursos”⁵³, dentro dos quais as representações coletivas se manifestam diante de uma linguagem que é rapidamente assimilada e por símbolos, responsáveis em instituir e introduzir valores, modelando, dessa forma, comportamentos individuais. Não estamos querendo com isso afirmar que os meios de comunicação, como revistas e os canais de televisão, são responsáveis pelas ações de todos os indivíduos dentro de uma dada realidade. Mas esses mecanismos são catalisadores de determinadas opiniões, muitas vezes preocupados em reproduzir dentro da sociedade determinados tipos de valores, nem sempre necessários a grande parte da população. Por isso o tema da homeopatia nos interessa tanto.

Quem na cidade de Uberlândia já teve a oportunidade de precisar dos serviços públicos de saúde (as UAI’S) para além de uma dor de garganta, ou para fazer um curativo? Não são poucas essas pessoas. Basta ficarmos alguns minutos ali nos corredores dessas Unidades de Atendimento para assistirmos a uma sequência de casos que não podem ser resolvidos. Em determinados tipos de exames já existe, como já colocamos, o apelidado “livro da morte” ou “entrega das almas”, que consiste no livro onde são anotados os nomes das pessoas que vão entrar numa fila para exames de urgência feitos fora dessas Unidades. Pelo apelido nem precisamos contar o que acontece na maior parte dos casos. Se formos estabelecer relações entre essa pesquisa e a precariedade do sistema público de saúde, poderíamos até, a partir de agora, inverter a

⁵² SOALHEIRO, Bárbara. Medicina Alternativa. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, jan/2004, N. 196, pp. 56.

⁵³ BACZKO, B. Imagination Social. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda .pp. 311.

lógica de análise e questionar o motivo pelo qual persistimos em sustentar uma prática que tem tomado o tempo e gerado muita angústia entre a população pobre, que não tem como escapular para o sistema privado de saúde.

Infelizmente, essa é uma realidade para a totalidade da população que não tem acesso a um bom plano de saúde. Uma das justificativas mais correntes por parte da poder público para o deficiente atendimento aos usuários é a falta de verba. Por isso, voltamos à pergunta: por que insistimos em utilizar uma terapêutica tão cara? Por que a prática médica continua se pautando em diagnósticos clínicos tão pesados aos bolsos? Precisamos disso realmente?

Essas são algumas indagações que motivam esse interlocutor, lembrando que a preocupação desse capítulo é de fazer uma análise de como determinados canais da imprensa tratam do assunto, e que tipo de interferência eles podem ter junto ao seu público. Em suma, o tema da homeopatia nunca aparece associado aos problemas sociais por que passa a situação da saúde no Brasil. Para todas as reportagens, das mais favoráveis até aquelas que criticam mais ferrenhamente – como já foi citado anteriormente na reportagem feita por Bárbara Soalheiro – ela não enfrenta o cotidiano prático, e sim a sua qualificação diante da medicina científica, tentando produzir, até mesmo resultados um tanto fantásticos. O tratamento homeopático é apresentado como um caminho para uma vida feliz:

(...) Ao tomar o medicamento correto, garantem os especialistas, você se livra não só da rinite alérgica e melhora a dor nas costas, mas também começa a conversar mais com a mulher em casa, a levar os filhos para passear no parque no final de semana, a jogar tênis ou futebol com os amigos. Na forma de líquidos, tabletes ou bolinhas de açúcar, eles despertam nosso organismo. E o mais incrível é que quem diz isso são os próprios cientistas, que sempre olharam com ceticismo para essa prática médica⁵⁴.

Com isso, podemos pensar na construção do espaço por onde a prática homeopática pode atuar, próxima aos especialistas, aos cientistas, que aqui aparecem como forma de legitimar o uso do “líquidos, tabletes ou bolinhas de açúcar” que vão “despertar” nosso organismo para um modo de vida que antes estava adormecido. O que trazemos aqui é a desqualificação de terapêutica homeopática autorizada pelo porta-voz da racionalidade, o cientista. No nosso trabalho, e isso ficará mais claro no capítulo

⁵⁴ TEMPLO, Mariana. Receita de saúde. IN: *Revista Vida Simples*. São Paulo: ed. Abril. N. 13, jan/2004. pp. 23.

posterior, verificamos que a mudança de uma prática terapêutica por uma pessoa, implica em certas mudanças nos padrões de comportamento, pois a pessoa passa a perceber de forma diferenciada o espaço social no qual está inserida.

Contudo, certos discursos procuram proteger e criar os “lugares” onde essas práticas “alternativas” podem atuar. O Brasil possui cerca de 15.000 médicos homeopatas (6,5 % do total de médicos no país), 1.600 farmácias homeopáticas, centros de formação e serviços homeopáticos em praticamente todas as capitais e também no interior do país, e cerca de 9 milhões de usuários⁵⁵. Isso sem contar os usuários da homeopatia popular, praticada por não-médicos. Fica claro que, embora a homeopatia tenha avançado bastante enquanto prática terapêutica em vários espaços, sobretudo dentro dos consultórios e clínicas particulares, e a passos mais curtos na rede pública de saúde, ela está sempre associada a uma “coisa inusitada”, que vai fazer você “levar os filhos para passear”.

A Rede Globo de Televisão apresentou, no mês de maio de 2004, no programa Fantástico, que vai ao ar aos domingos, uma série especial de três reportagens com o nome de “Homeopatia: o teste”.

O primeiro capítulo da série preparava o telespectador para entrar num mundo desconhecido, embora tenha afirmado que 60 % da população brasileira fez, ou fazia, uso da homeopatia. Durante todo o tempo permanecia colhendo opiniões entre pessoas que já haviam usado a homeopatia, médicos alopatas e fisiologistas, sendo que os primeiros haviam conseguido bons resultados com o tratamento, e os dois últimos desqualificavam o tratamento. Assim, mantinha a discussão no “funciona” ou “não funciona”, sempre questionando o fato de os remédios não possuírem comprovação científica.

A segunda série começou com questões colocadas por telespectadores que questionavam os padrões científicos com colocações do tipo: “somente quando o homem inventar uma máquina que detecte os sentimentos humanos poderemos detectar as influências da homeopatia”. Em seguida, a apresentadora dava continuação:

*O segundo capítulo da série começa agora! E mostra um cientista genial, forte candidato ao prêmio Nobel, que aposta toda a reputação dele para provar que a homeopatia funciona (...) O especial teve a supervisão de uma instituição super tradicional e respeitadíssima: a Academia Britânica de Ciências.*⁵⁶

⁵⁵ Dados da Associação Médica Homeopática Brasileira (2001), IN: www.amhb.org.br. Acesso em: 15/02/2004.

⁵⁶ *Homeopatia: o teste*: Programa Fantástico, que foi ao ar no dia 16 de Maio de 2004.

O objetivo das duas últimas séries do programa era responder às famosas perguntas: A homeopatia funciona? Homeopatia: ciência ou misticismo? Homeopatia é placebo? A terceira série colocava algumas indagações que questionavam o efeito placebo atribuído à homeopatia, como é o caso do uso dessa terapêutica em animais e também algumas pessoas com doenças mortais que teriam sido curadas pela homeopatia. Entretanto, durante os programas, os telespectadores, devem ter ficado perdidos ao tentar responder para eles mesmos se aceitavam a homeopatia ou não. Como nas reportagens das revistas, o programa levou ao ar diversas opiniões sobre o assunto, sempre intercalando resultados positivos e opiniões negativas quanto ao uso da homeopatia. O leitor pode imaginar o que aconteceu ao genial cientista, o francês Jaques Benveniste, que resolveu apostar sua reputação para provar que a homeopatia funciona: foi motivo de chacota diante da comunidade científica, tendo a sua reputação perdida.

No final da apresentação da reportagem verificamos o mesmo argumento no qual os discursos sempre se prendem: a necessidade dos paradigmas científicos. A presença da “respeitadíssima” Academia Britânica de Ciências parecia justificar, na fala e nos olhos do narrador, qualquer coisa que fosse dita a respeito do tema a partir daquele momento. Por fim, passadas as três séries, o telespectador que não conhecia nada sobre homeopatia, sabe que existem opiniões favoráveis e contra o seu uso; aqueles que sabiam um pouco sobre a terapêutica, acham que nada sabem; os que conheciam bastante discordam das opiniões, mesmo sendo favoráveis ou contra o seu uso. Permanece, então, a imagem de uma terapêutica que pode até funcionar, mas que não possui nenhum parâmetro racional de comprovação dos seus métodos.

Outro ponto sempre levantado nas reportagens, tanto da televisão quanto das revistas, é a relação estabelecida entre médico-paciente nas consultas – homeopáticas e alopáticas – e a forma como é construída uma imagem de terapêuticas nessa relação:

Percebo que os homeopatas têm muito de psicólogos, pois escutam bastante sobre hábitos, comportamentos e problemas do paciente. A diferença é que eles não tentam solucionar os casos por meios de conselhos, mas com uma medicação escolhida para cada caso, que serve para trazer equilíbrio físico e mental. Realmente, meu caso talvez não tenha muito sentido no mundo da alopatia, porque não há química que dê cabo da ansiedade. O médico explica que a homeopatia lida com as emoções do paciente, porque o ser humano é visto como múltiplas partes, entre elas a física e a mental. Portanto, não

*adianta indicar um remédio para curar o corpo se o lado emocional continua adoentado. E tem mais: a remédio não age sozinho. Ele é apenas um componente da cura*⁵⁷.

Esse é um depoimento de uma pessoa que fez uso da homeopatia, extraído da reportagem de Mariana Templo para a revista *Vida Simples*. Podemos perceber que o depoente acha surpreendente a consulta homeopática, pois o médico age como um “psicólogo”, e que somente daquela forma é que poderia resolver o seu problema de ansiedade. Tanto o médico homeopata, quanto o cliente, parecem gostar dessa relação que se estabelece: de que é uma consulta diferenciada, que lida não somente com a parte física, mas também com a parte emocional, e a cura depende não somente do medicamento, mas de um algo mais do paciente.

No depoimento emitido por Callina Teles⁵⁸, graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, compreendemos como, para ela, existe uma separação no espaço de atuação das terapêuticas homeopática e alopática:

*Quando é uma alergia, é coisa assim, cê sempre vai ter na sua vida. E não existe, assim, a gente não vê que existe uma cura imediata, igual a algumas coisas que existem, igual a uma febre. Cê num vai ter febre a vida inteira, entendeu? A alergia é uma coisa que você vai curando, agora esse tipo de doença assim de pulmão, uma tuberculose, uma pneumonia, não é uma coisa que cê vai ter a vida inteira, não tem como, elas vão te matar de alguma forma. Então a gente tem que ter os dois lados da moeda. Porque a homeopatia ainda não desenvolveu uma tecnologia, um método, que por exemplo vai operar uma pessoa. Porque o objetivo da homeopatia é justamente não precisar operar. A homeopatia a meu ver ela é, assim, como se fosse uma medicina preventiva. Eu acho que a homeopatia é um método de medicina preventiva. Só não chega a ser uma medicina preventiva porque você já está com alergia, cê já tá com alguma coisa. (...) E a medicina convencional nossa ela é justamente imediatista. A homeopatia é muito mais preventiva do que imediatista*⁵⁹.

Com base nesse trecho, notamos que para Callina já existem as ocasiões onde o tratamento homeopático é recomendado, e situações onde é imediata a necessidade de cura pela alopatria. Esse tipo de separação vem constituindo o espaço de atuação de cada

⁵⁷ TEMPLO, Mariana. Receita de saúde. IN: *Revista Vida Simples*. São Paulo: ed. Abril. N. 13, jan/2004. pp.31.

⁵⁸ Depoimento emitido por Callina Teles em abril de 2005.

⁵⁹ Ibidem.

terapêutica, o que tem transformado a função social da medicina num espaço de disputa por esse ou aquele tipo de doença, perdendo assim, a relação com a cura.

Em outras palavras, podemos perceber que os mesmos componentes que geram o discurso contra homeopatia são aqueles que norteiam a tangência do discurso pró-homeopatia. Aquilo que vem sendo desconsiderado pelos médicos alopatas, ou seja, o contato maior com os pacientes, a maior participação dos doentes no seu diagnóstico e em sua cura, é o que vem sendo aproveitado pelos pacientes. Os pacientes nem estão muito cientes do que viria a ser a homeopatia, ou de sua real diferença com a alopatia. A procura pela homeopatia não ocorre somente por isso, pois bastaria aos alopatas atenderem de forma diferenciada que seus clientes retornariam.

Estamos afirmando que embora haja diferenças em ambas as consultas, falamos do mesmo profissional. Não há duas medicinas, embora as terapêuticas sejam diferentes. Estamos falando de médicos que foram formados dentro de um mesmo currículo, tendo uns se especializado em cardiologia, outros em homeopatia. Essa é uma das hipóteses levantadas para justificarmos o crescente espaço que a homeopatia vem ocupando na nossa sociedade, pois a institucionalização abriu caminhos para que a prática homeopática acontecesse, também nos consultórios e hospitais. Embora a homeopatia tenha conquistado e ampliado seu espaço de atuação, ela teve que se submeter à tutela das instituições médicas responsáveis por sua descaracterização. Em um livreto da coleção “Para Saber Mais”, os médicos José Romão e Jorge Storace, respondem à dúvida mais corrente entre os pacientes, se o homeopata é um médico.

Todo homeopata no Brasil, antes de tudo, é um médico com a mesma formação clássica em medicina que outros especialistas. A homeopatia é hoje considerada uma especialidade médica, tal como a cardiologia, a dermatologia etc. Ela é reconhecida como uma especialidade na medicina veterinária e na odontologia, e a última década têm assistido a um constante crescimento de seu uso em seus respectivos campos⁶⁰.

As críticas feitas ao tratamento homeopático são anteriores à sua institucionalização acadêmica. E a sua prática não está restrita a médicos e aos especialistas, existem vários espaços ocupados por essa terapêutica na sociedade, não sendo o homeopata, “antes de tudo”, um médico; ele pode ser, também, um curandeiro,

⁶⁰ ROMÃO, José & STORACE, Jorge. Homeopatia. IN: *Coleção para saber mais: Revista Superinteressante*, vol 25. São Paulo: ed. Abril, 2004. pp. 78.

ou um médium espírita, ou todos ao mesmo tempo, sem muitos parâmetros definidos. Entretanto, para os médicos fica evidente a necessidade de cientificar a prática homeopática, ganhando as rédeas de suas proposições.

Mas não são somente aos médicos que cabem essas afirmações. Os pacientes cobram isso. Está presente no nosso dia a dia, como observamos nas revistas e no telejornal, a necessidade constante de nos apoiarmos em provas e na racionalidade. A homeopatia é uma racionalidade, com bases explicativas fundamentadas por princípios orgânicos da tríade doença-doente-cura. Porém, a homeopatia, à luz de sua prática, não se sustenta apenas por sua filosofia, diante das pessoas ela carece de um algo mais, de um especialista que diga porque é correto fazermos aquela opção de tratamento. E que ao escolhê-la, não estamos caindo num mundo do misticismo, mas permanecemos no mundo científico. Apenas percebido de outra forma. Ainda no livreto de ROMÃO e STORACE, os autores respondem a uma pergunta que diz: “Para fazer efeito é preciso acreditar?”.

*Tanto é preciso acreditar em qualquer outro tratamento, alopático inclusive. Homeopatia é ciência, não uma questão de fé. Ela têm seus efeitos demonstrados em animais, em pacientes em coma, em bebês, inclusive recém-nascidos, e numa série de outras situações que descartam totalmente o efeito placebo. A homeopatia atua inclusive em quem não acredita nela, o que não significa que a confiança no médico e no tratamento não seja um elemento fundamental em qualquer processo de cura.*⁶¹

Novamente volta-se a afirmar “Homeopatia é ciência”, para justificar a terapêutica homeopática. Esse paradigma está tão fortemente marcado no imaginário social, que os médicos pouco se lembram em discutí-lo, ao passo que estão interessados em desconfigurar a homeopatia. Todos – médicos e pacientes – buscam sempre pelos princípios científicos da homeopatia, para que ela possa ser utilizada com a requerida sapiência. Poucos estão interessados em considerar os constantes atropelos da prática médica alopática. Durante o ano de 2000, foram registrados cerca de 22.121 casos de intoxicação provocados pelo uso indevido de remédios⁶²:

(...) Mas o remédio não mexeu só com o meu apetite. Senti que os comprimidos me deixavam mais agitadas, rápida no trabalho, elétrica. E, quando o remédio acabava, ficava ansiosa, deprimida, voltava a engordar. Procurava novamente

⁶¹ Ibidem, pp.79-80.

⁶² Dados do Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas.

*o médico em busca de mais receita e, quando ele não receitava, comprava diretamente na farmácia*⁶³.

Diante dessas declarações feitas ao repórter Jomar Moraes, e de tantas outras que todos conhecemos, é possível pensarmos que as questões envolvendo a prática médica, os medicamentos, o uso ou não da homeopatia, estão fincadas em bases muito mais profundas do que se mostra aparentemente. Convivemos numa sociedade fortemente marcada pelo tecnicismo, e isso está presente, até mesmo, no nosso universo simbólico. E ao formularmos nossas opiniões sobre diferentes temas que emergem na sociedade, podemos visualizar essa interferência nas nossas indagações iniciais; em alguns casos ela tende a permanecer.

Pouco importa se a homeopatia obtém bons resultados, seja nos consultórios médicos, ou pior, entre os homeopatas populares. Pouco importa se os medicamentos homeopáticos têm conseguido resolver problemas clínicos de forma mais simples do que seria uma intervenção “tradicional”, ou que seria ótimo utilizá-los, uma vez que o tratamento homeopático é mais barato e grande parte da nossa população enfrenta constantes dificuldades financeiras. O que importa, diante das declarações veiculadas pela mídia, é que se obtenha uma forma de cientificar a terapêutica homeopática, para que ela possa justificar seus benefícios, inclusive os já conseguidos. Entretanto, segundo nos apontam José Romão e Jorge Storace, a homeopatia está bem próxima de sua alforria clínica:

*O que ainda não compreendemos completamente é o seu mecanismo de ação.(da homeopatia) Com o avanço da ciência, estamos hoje mais perto dessa compreensão, mas ainda longe de uma explicação definitiva de como ele atua, o que é muito diferente de duvidarmos ou não. Há muitas tentativas de explicar como essa ação ocorre, mas nenhuma foi ainda cabalmente demonstrada pelo método científico, sendo esse campo um instigante convite à pesquisa*⁶⁴.

⁶³ MORAIS, Jomar. Viciados em remédios. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, fev/2003, N. 185, pp. 47.

⁶⁴ ROMÃO, José & STORACE, Jorge. Homeopatia. IN: *Coleção para saber mais: Revista Superinteressante*, vol 25. São Paulo: ed. Abril, 2004. pp.86.

Enquanto a homeopatia aguarda por sua legalização científica, ela segue ocupando o espaço destinado às terapêuticas “complementares”. Aquelas que conversam mais com os pacientes, que são menos nocivas ao organismo, que cuidam de certas doenças quando a alopatia não consegue resolver, enfim, daqueles casos que não possuem muita emergência.

Diante das afirmações apresentadas nessa análise, podemos verificar que há uma tendência à chamada “alopatização” da prática homeopatia – isso pensando na cena cotidiana que envolve a medicina tradicional. Essa constante busca por mecanismos científicos que a legitimem, a proliferação de farmácias natural-homeopáticas, a ampliação da especialização institucional do conhecimento sobre essa prática terapêutica, os constantes aumentos no custo dos medicamentos, tudo isso são fenômenos preocupantes, os quais demonstram a presença de um cerceamento e de uma diferenciação bastante bruscos, e que estão conduzindo a espantosa expansão da homeopatia. A prática homeopática está, dessa forma, no lugar de abrir novos caminhos necessários à sociedade, sendo conduzida para os mesmos rumos da medicina tradicional: especializando, tornando-se cara e cientificando sua filosofia.

No próximo capítulo trabalharemos como essas questões estão colocadas no cotidiano das pessoas, tendo como fundamentação os depoimentos realizados e as observações durante o fazer desse trabalho. Vamos observar como, muitas vezes, esse discurso da racionalidade técnica, hegemônico nas nossas relações sociais, dificulta que a atividade da medicina esteja voltada para um bem comum, privilegiando certos agentes da saúde no Brasil, em detrimento da saúde do brasileiro. Muitos caminhos poderiam ser abertos para que um bom sistema da saúde prevaleça e funcione, basta que ampliemos nossos referenciais, buscando associar conhecimento e experiência, que não estão somente na academia.

Capítulo 3



A busca da cura contra a entrega das almas
(ou o purgatório)

Os problemas levantados no capítulo anterior estiveram centrados na compreensão das formas com que a mídia participa na constituição de uma imaginação social em torno das concepções científicas sobre o corpo, ou melhor, de que forma ela articula um discurso que procura estabelecer os limites que cada terapêutica pode ocupar dentro da nossa sociedade. Não foi difícil observarmos como os meios de comunicação buscam sempre associar a idéia de legitimidade com um discurso científico de eficiência, onde estão intrínsecos os valores de verdade e comprovação, e de confiança a partir disso.

Entretanto, seria precipitado dizer que é a mídia a criadora desse imaginário social, ou ainda, não bastaria dizer isso e continuar analisando o presente tema nessa perspectiva. Tornou-se necessário verificarmos quais são as formas que esses valores assumem no cotidiano das pessoas e como essas pessoas constroem as próprias noções sobre corpo, sobre doença, tratamento e as terapêuticas em si.

O primeiro impacto que tivemos, ao partirmos para a análise das narrativas, foi o de percebermos como são cristalizados, nas concepções das pessoas, os valores cientificistas. Posteriormente, ao destacarmos alguns pontos dessas entrevistas o leitor irá observar que constantemente a idéia de cientificidade aparece nos depoimentos como forma de amparo à verdade, e nisso não importa se estamos falando de homeopatia ou de alopatia. Como nas reportagens trabalhadas no capítulo anterior, constantemente a legitimidade do tratamento a que foram submetidas essas pessoas passa pelas noções básicas da racionalidade técnica explicativa. Em outras palavras, nesses depoimentos, ao falarem sobre suas doenças ou de suas experiências com a medicina, seja ela homeopática ou alopática, a maneira como as pessoas vão narrando os pormenores disso coincide com uma necessidade constante de demonstrar o motivo pelo qual aquele tratamento é legítimo ou não.

Nesse sentido, antes de partirmos para a análise direta das narrativas orais, vamos ponderar algumas questões que se referem à interferência de valores culturais cientificistas dentro da relação entre medicina e sociedade, isso pensando alguns antecedentes das últimas três décadas. Essas questões servem como base para compreendermos os motivos que geram uma ambivalência na escolha das pessoas por este ou aquele tratamento.

No seu estudo sobre a história social da homeopatia no Brasil, a socióloga Madel T. LUZ mostra como a trajetória da homeopatia no Brasil, desde a segunda metade do séc. XIX, sempre foi marcada por uma disputa institucional para que seus métodos fossem aceitos pela comunidade médica⁶⁵. Em um dos capítulos, intitulado “A retomada da homeopatia como medicina alternativa (1970-1990)”, a autora chama atenção para a necessidade de entendermos essa “retomada” da homeopatia não como simplesmente uma disputa política por parte dos agentes sociais dessa terapêutica no país, mas como uma transformação cultural no cotidiano das próprias pessoas que são as que procuram os tratamentos:

*A busca social de culturas médicas **alternativas**, intensificada a partir dos anos setenta, sobretudo das medicinas chinesa e hindu, com suas visões da saúde do homem ditas holísticas ou integrais, mas de fato profundamente espiritualizadas, é sintoma de um abalo sísmico de natureza ideológica que tem se mantido e propagado desde então na cultura ocidental, com maior ou menor intensidade nacional ou conjuntural.*⁶⁶ (grifo nosso)

Essa mudança de significados dentro das sociedades ocidentais, às quais a autora chama a atenção, é fruto de um movimento presente na década de setenta, inclusive nos congressos de estudantes de medicina⁶⁷, chamado por muitos de movimento contracultural, ou contracultura. Em linhas gerais, esse movimento é fortemente marcado por questionamentos quanto aos valores culturais e sociais presentes na

⁶⁵ LUZ, Madel T. *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: Dynamis, 1996.

⁶⁶ Ibidem, pp. 274.

⁶⁷ Sobre esse assunto, ver CARVALHO, Maria Bernadete de. *Homeopatia: a retomada social de uma prática terapêutica*. Dissertação de Mestrado, UFMG, 1988. Na primeira parte de sua dissertação CARVALHO diz que “no começo da década de 70, estudantes em centros urbanos do Brasil inteiro, começaram a descobrir a homeopatia e a se interessar por ela. Os encontros nacionais de medicina faziam circular informações sobre modalidades alternativas”, e acrescenta, “de um modo abrangente as ‘práticas alternativas’ foram uma expressão social de crítica à sociedade instituída e aos efeitos de suas práticas sobre a qualidade da vida individual” (CARVALHO, pp. 7). Dessa forma tentamos buscar, e apresentaremos isso ao leitor durante esse capítulo, os significados desse movimento para compreendermos as diferenças e aproximações entre a prática alopática e a prática homeopática.

sociedade ocidental capitalista, e pela constante busca de novas formas de vida, onde a cultura oriental ocupou muitos espaços no cotidiano das pessoas, desde música, comida, religiosidade, até a medicina, como foi observado por LUZ no seu estudo.

Num outro trabalho sobre o que denominou “sociedade tecnocrática”, ou simplesmente “tecnocracia”, Theodore Roszak⁶⁸ nos demonstra um pouco desse teor contestatório presente naquele momento:

Na tecnocracia, tudo deixou de ser pequeno, simples ou fácil de entender para o homem não-técnico. Pelo contrário, a escala e a complexidade de todas as atividades humanas – no campo político, econômico e cultural – transcende a competência do cidadão amadorista e exige inexoravelmente a atenção de peritos possuidores de treinamento especial. Além disso, em torno deste núcleo central de peritos que tratam das necessidades públicas em grande escala desenvolve-se um círculo de subperitos que, nutrindo-se do generalizado prestígio social proporcionado pela especialização técnica investem-se na influência normativa até mesmo sobre os aspectos supostamente pessoais da vida: comportamento sexual, educação de filhos, saúde, recreação, etc. Na tecnocracia tudo aspira a tornar-se puramente técnico, objeto de atenção profissional.⁶⁹

Durante todo o seu trabalho, ROSZAK, que foi tido como um dos grandes teóricos da contracultura, discute essas questões relacionadas ao grau de espacialização que vai moldando o sistema social ocidental, o que denominou tecnocracia, onde as opiniões, as questões sociais, a educação, foram delegadas aos especialistas. Para o nosso trabalho é interessante observarmos a crítica que a contracultura realiza sobre os problemas sociais gerados por uma sociedade de consumo, onde se cria um discurso técnico que normatiza as atividades sociais.

Trouxemos essas duas reflexões não para discutir a contracultura, pois não é objetivo específico desse trabalho, mas para dialogarmos junto com o leitor sobre algumas problemáticas que envolvem o nosso objeto de pesquisa, e que aparecem nas narrativas. Esse sentimento de desilusão com os valores culturais de consumo foi, sem dúvida, o catalisador para que outras terapêuticas viessem a fazer parte da vida das pessoas, entre outros fatores que posteriormente discutiremos. Não é somente para os pacientes que as coisas vão mudar, a própria medicina alopática sente necessidade de mudanças, as quais, aliás, sempre ocorreram. Ela com certeza não é a mesma medicina

⁶⁸ ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. São Paulo: ed Vozes, 1972. 2ª ed.

⁶⁹ Ibidem, pp. 20.

praticada no séc. XIX, nem nos seus métodos, nem em suas técnicas, mas o que vamos discutir aqui é que a partir de certos questionamentos que foram surgindo dentro da nossa sociedade sobre a égide da medicina alopática, ela vai se configurando de outras maneiras. Um pouco mais específico que isso seria dizer que esse capítulo está preocupado em compreender como a presença da terapêutica homeopática interfere numa sociedade onde a prática alopática é hegemônica, seja através de discussões pela mídia, seja através dos próprios pacientes que passam a buscar e transitar de um lugar pra outro.

Em um dos depoimentos, Daniela Mitidieri, atriz e psicóloga na cidade de Uberlândia, nos demonstra um pouco de como essas coisas estão postas atualmente. Durante seu depoimento ela nos conta que se cansou de tomar remédios alopáticos e que partiu, por conta própria, para outras formas de enfrentar problemas de saúde que ela possuía desde a infância. Ela não nos contou qual era o problema, porém disse que tomava muitos remédios e que aquilo incomodava bastante devido à química dos medicamentos, pela constância do tratamento e pelos poucos resultados obtidos. Sua solução foi procurar outra forma de tratamento, do qual ela narrou como são essas consultas:

Não é muito convencional, uma vez que é interessante porque ele leva assim, em conta, todo o meu histórico de vida, e não apenas o meu histórico de doença. Isso é algo que me interessa muito, já que eu acho que nada tem causa única. E com ele, é ainda mais inconventional ainda devido a ele atender em transe mediúnico (...) Eu ainda estou fazendo tratamento com acupuntura com ele, que além de homeopata é acupunturista também. Então sempre tem essas sucessivas miniconsultas.⁷⁰

Podemos observar na sua fala o descrédito com o tratamento alopático e, conseqüentemente, o lugar onde foi buscar soluções para os seus problemas. O médico que foi citado por ela é um exemplo de como a situação está colocada. Além de sua formação alopática tradicional nas universidades brasileiras, ele buscou conhecimentos na homeopatia, na acupuntura e atende em transe mediúnico. Os próprios pacientes procuram isso, cabe aos médicos modificarem não somente a sua terapêutica, mas também suas condutas dentro dos consultórios. No caso de Daniela ela chega a dizer que “sente algo mais humano, eu sinto uma preocupação de compreensão”. Neste caso, a relação médico-paciente é um elemento diferenciador, que se concretiza na

⁷⁰ Depoimento gravado com Daniela Mitidieri de Castro em 28/01/2005.

preocupação que o médico demonstra para com a situação vivida pelo paciente, que resulta nas sucessivas “miniconsultas”.

Observemos outro caso, onde a depoente procura um tratamento homeopático para tratar de uma doença:

Existe uma pesquisa que cê faz com homeopatia, antes de aplicar a medição. E esse médico não fez essa pesquisa, ele me perguntou qual era a minha doença... E aí eu não acreditei, e por falta de dinheiro eu não consegui passar por outro homeopata, mas tenho muita vontade⁷¹.

Não são somente outras terapêuticas que os pacientes estão procurando. Nesse depoimento emitido por Vanessa Bianqui, atriz e dançarina, há cinco anos na cidade de Uberlândia, onde ela narra sua luta contra uma doença rara chamada PTI⁷², que a levou a procurar várias formas de tratamento na ânsia de encontrar uma solução eficiente para o seu caso, destacamos o seu episódio ao procurar o homeopata. Ela não chegou nem a experimentar o tratamento recomendado pelo médico, pois a consulta não correspondeu às suas expectativas. Existe um tipo de consulta que muitas vezes é atribuída ao homeopata, aquela que realiza uma “pesquisa” antes de medicar, o que, portanto, se não houver, acaba desqualificando o tratamento. Neste caso, a relação médico-paciente resultou não na criação de um elo de confiança entre eles, mas em desconfiança, que se manifesta na recusa ou na insatisfação com o tratamento.

Não estamos aqui procurando respostas para afirmar a validade ou não de tal “pesquisa”, o que traduzindo é na verdade uma conversa. Mas dizer que as pessoas, ao procurarem outras formas de terapêuticas, estão também procurando outras formas de si compreenderem enquanto sujeitos sociais através de seu corpo, através de sua doença. Não é novidade que muitas doenças são causadas por problemas emocionais ou por outras dificuldades que a pessoa possa estar enfrentando, à parte seu organismo. Isso acaba refletindo em suas expectativas em relação ao tratamento, posto que o seu adoecimento parte, nesse caso, desses anseios.

Em um outro depoimento, de Múcio Costa Silva, homeopata popular e professor de química no Estado de Minas Gerais, residente na cidade de Belo Horizonte, buscamos compreender de forma um pouco mais abrangente o que as pessoas procuram nessas “conversas” em tratamentos homeopáticos, e como isso pode interferir no seu

⁷¹ Depoimento gravado com Vanessa Bianqui em fevereiro de 2005.

⁷² Um pouco mais adiante retornaremos a esse depoimento e explicaremos melhor que tipo de doença é a PTI.

processo de cura, segundo essa concepção. Ele atende gratuitamente em escolas, centros espíritas e em sua própria casa. Ao procurá-lo, conversamos com algumas pessoas que estavam esperando para serem atendidas, mas conseguimos somente o seu depoimento. Ele destaca a importância do atendimento na recuperação do paciente:

A pessoa conversando com você ela já começou o processo de cura dela, porque ela já tá se conhecendo e você interage com ela. (...) E as pessoas, muitas, melhoram só de conversar. Porque, e aí já é uma lei da homeopatia, como é que cura? A doença cura de dentro pra fora, de cima pra baixo. A pessoa ao conversar tá exonerando, ela já começou o processo de cura dela, porque ela tá desbloqueando algumas energias. Você não é um psicólogo, mas ela vai tomando consciência, ela te conta tudo da vida dela, então é uma história de muitas dores⁷³.

Podemos notar, e isso aparece em outros trechos do depoimento, que a conversa tornou-se um instrumento de tratamento para Múcio; ele já compreendeu a importância disso para a própria melhora das pessoas, e também que isso pode ser um dos motivos pelo qual o paciente procurou esse tratamento. Segundo ele, algumas pessoas retornam apenas para conversar sobre o seu tratamento e continuam fazendo uso da mesma indicação da consulta anterior.

O que para os homeopatas faz parte de seu ofício, para os críticos da “medicina alternativa” é um dos grandes motivos que tem levado as pessoas a procurarem “tratamentos paralelos” ao alopático. Vamos retornar a uma das reportagens trabalhadas no capítulo anterior onde Bárbara Soalheiro reconhece, junto a opiniões de médicos alopatas, as influências que os métodos de consulta dos tratamentos “alternativos” possuem nas escolhas das pessoas:

Mas também é inegável que nem todo mundo se dá por satisfeito com o que a medicina oferece. Desde que o mundo é mundo, as pessoas vão aos “médicos” (curandeiros, pajés, xamãs...) para falar de suas ansiedades, suas dores e obter algum conforto – nem sempre a cura. Essas coisas ajudam o sujeito a sentir-se bem. E ninguém discorda do fato que se sentir bem é bom para a saúde. Talvez tenha sido esse justamente o ponto em que a medicina ortodoxa errou mais longe. Ou alguém aí acha os hospitais agradáveis?⁷⁴

Tanto os médicos homeopatas, quanto os médicos alopatas, e vários outros terapeutas, já compreendem a necessidade de mudança do espaço da consulta e de sua

⁷³ Depoimento gravado com Múcio Costa Silva em abril de 2005.

⁷⁴ SOALHEIRO, Bárbara. Medicina Alternativa. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, jan/2004, N. 196, pp. 60.

intervenção no processo de cura. Isso implica numa transformação na própria noção de corpo, doença e indivíduo dentro da nossa sociedade do ponto de vista da saúde, fato que podemos perceber diante da necessidade de se encarar de forma diferenciada os primordiais relacionamentos entre médico-paciente. E não podemos encarar isso, como ironizou Bárbara Soalheiro, apenas com o “se sentir bem”, ou pelo fato de os hospitais, sobretudo os públicos, estarem desagradáveis como estão. As pessoas sentem suas próprias necessidades, como podemos observar nos depoimentos de Mitidieri e Bianqui, onde elas fizeram a própria escolha ao procurar outras formas de tratamento naquela ocasião por acreditarem que o tratamento alopático não era suficiente.

Aqui, leitor, chegamos a outro ponto para continuarmos a nossa discussão. Enquanto médicos alopatas, homeopatas populares, médicos homeopatas, repórteres, e outros mais permanecem discutindo a legitimidade ou não da homeopatia, se os medicamentos alopatas devem ou não serem utilizados, as pessoas continuam seguindo de um consultório ao outro, fazendo usos de medicamentos sem receita e, fundamentalmente, compreendendo muito pouco as discussões elencadas por aqueles profissionais. Durante todos os depoimentos verificamos que, na maior parte das vezes, falta muita informação sobre o tipo de tratamento ao qual aquela pessoa está sendo submetida.

O Sr. Evaristo, aposentado e morador da cidade de Uberlândia, nos conta sobre uma biópsia que ele realizou no Hospital Santa Genoveva para a retirada de um tumor na próstata. Após ter feito todos os exames para os médicos verificarem o seu estado de saúde, Sr. Evaristo submeteu-se à intervenção médica e em pouco tempo estava em casa:

É que eu tava aqui em casa, primeiro uma dor assim ó, por baixo do umbigo. Eu achava que era uma coisa de gastrite sabe? Mas uma dor terrível assim por baixo do umbigo. Aí eu tomei uns remédios, tomei um dipirona... Aí eu milhorei e falei, não é gastrite mesmo. Deitei. Quando foi a noite, era mais ou menos uma hora da madrugada, eu acordei tremendo, com coisa que tava... mas era uma coisa terrível mesmo, precisava da Fatinha me segurar (...) Ela me deu umas vinte gotas de dipirona, eu tomei e aquilo passou. Aí eu peguei, cabeí de dormir aquele pedaço de noite. Quando foi no outro dia nove horas da manhã, assistindo televisão ali, comecei a pular de novo. Aí aquilo não parava, tomei mais dipirona, aí cessou aquilo. (...) Mas eu num intindia o negócio, eu não sabia o que era, porque que era aquilo. Eu pensava que era alguma coisa comum, eu num tinha idéia.⁷⁵

⁷⁵ Depoimento gravado com Evaristo Morlim no dia 12/03/2005.

O médico que realizou essa intervenção parece ter cometido dois graves erros que poderiam ter levado Sr. Evaristo à morte. O primeiro deles foi que ao retirar o tumor com um aparelho destinado a isso, a agulha utilizada passou por dentro da bexiga, o que causou uma grave infecção nesse órgão; até aí tudo bem, menos para o Sr. Evaristo e Dona Fatinha que sofreram com isso. O segundo, e o que iremos discutir, foi o que disse o médico ao paciente ao retornar ao hospital no atendimento de urgência:

*Sr. Evaristo, vai tê que internar, cê tá com uma infecção muito grave, mas muito grave mesmo.(...) Do jeito que o Sr. tá aí já tem que ir prá cama tratar.(...) essa infecção aí, ele até adiantou sabe? As pessoas que fazem essa biópsia custuma a ter essa infecção, é muito problemático.*⁷⁶

Voltando um pouco na questão do diálogo com o paciente, não estamos simplesmente observando o que poderia ser uma consulta, onde o médico ouve os sintomas físicos do paciente e anota uma receita. O caso do Sr. Evaristo foi um descaso por parte dos médicos, não só por aquele que errou no momento da agulha, mas daqueles que o conduziram até a intervenção. A simples informação de que essas coisas poderiam ocorrer nesse tipo de tratamento já lhe teria poupado horas de sofrimento e apreensão por conta de dores que ele não entendia. Nesse caso, a insistência da esposa para levá-lo ao hospital quando o problema se repetiu no dia seguinte, poderia ter salvado a sua vida, uma vez que o seu estado já estava bastante avançado no momento da internação.

No depoimento de Múcio Costa Silva, ao narrar sobre a forma como ele começou a utilizar a homeopatia, também encontramos mais um caso onde a falta de conhecimento, tanto por parte dos médicos, quanto por parte dos pacientes, podem provocar sérios problemas na vida de uma pessoa. Ele nos conta sobre o seu problema de asma que o acompanhou durante um período de sua vida, o que lhe impedia de praticar muitas atividades, além disso, exigia um grande gasto com remédios:

Aí eu comecei nessa época a usar homeopatia, porque minha mulher falou: Múcio você não vai encontrar a cura na alopatria. Como de fato o médico falou prá mim: olha cê vai usar, tem uma bombinha que cê usa né, que todo asmático carrega aquilo no bolso, toda vez que você tiver uma crise você vai tomar. Já tem os medicamentos lá, que são típicos pra todo mundo que tem bronquite ou asma (...) Então eu andava com aquela bombinha, toda vez que eu tinha uma crise eu usava, aí voltava a respirar, porque ela vai direto lá nos brônquios.

⁷⁶ Ibidem.

*Quando aquilo num resolvia tem que ir pru hospital e colocar oxigênio, quando a crise é mais grave*⁷⁷.

E essa crise teria continuado por muito tempo, segundo o seu médico, e Múcio certamente estaria com suas “bombinhas” e tomando os antibióticos nesse tratamento sem fim. Não são poucos os casos de pessoas que sofrem com a asma ou bronquite há muito tempo, sem dúvida o leitor deve se lembrar de alguém ou ter um caso desses entre amigos e/ou familiares. No caso citado, após algumas insistências da mulher, Múcio resolveu procurar um tratamento homeopático. Entretanto, ao procurar o médico homeopata os resultados obtidos não foram muito satisfatórios, *“aquele medicamento que o médico (homeopata) tinha me dado ele fez algum efeito, mas não me curou, eu dei uma melhoradinha”*.⁷⁸

Nesse ponto, podemos avançar um pouco mais em nossa análise. O que aconteceu com Múcio, foi o que verificamos em todos os casos em que as pessoas conseguiram bons resultados nos seus tratamentos, que é justamente quando essas pessoas tomaram para elas mesmas as responsabilidades nos seus processos de cura. Nos cinco casos analisados, o único que permaneceu refém da autoridade dos médicos, o Sr. Evaristo, foi aquele que teve menos contato com outros tipos de conhecimento terapêuticos. Durante o seu depoimento podemos perceber que, em cada problema de saúde por que passou, os médicos nunca sugeriram que procurasse outra terapêutica, ou outras formas de conduzir o tratamento de maneira menos invasiva. E não podemos confundir aqui a responsabilidade com auto-medicação, como o próprio Sr. Evaristo narrou quando fez uso do Dipirona, quando não sabia o que estava lhe acontecendo realmente.

Assim, voltemos ao caso de Múcio. Mesmo que ele não tenha obtido um resultado satisfatório com o homeopata, a conversa e as informações que o médico lhe passou durante a consulta foram suficientes para ele acreditar que aquele tipo de tratamento poderia curar a sua doença. Então,

*Foi quando eu comecei a ler sobre homeopatia, eu num vou alonga muito se não... eu comecei a ler sobre homeopatia e tal... e falei vou me curar com isso. Primeiro eu procurei saber porque eu adoeci. (...) Não era só isso, porque tinha lá... depois eu passei por vária etapas, até chegar na cura estou passando ainda porque eu não tô harmonizado. Mas eu fui no medorrino*⁷⁹ e passei a tomar ele

⁷⁷ Depoimento gravado com Múcio Costa Silva em abril de 2005.

⁷⁸ Ibidem.

⁷⁹ Medorrino é um medicamento homeopático formulado a partir da extração do pus da gonorréia, infecção bacteriana adquirida durante a relação sexual.

uma vez por semana, e depois eu peguei o cloro, fiz uma dinamização dele e tomei. Naquele dia eu tive o que a gente chama agravamento, até piorei, mas aí nunca mais eu tive uma crise. Depois que eu curei a asma, eu fiquei um ano andando com aquele negócio no bolso, e com medo de ter crise, saía pra rua com aquele negócio no bolso; até que agora eu já saio sem ela⁸⁰

Esse caso foi até um pouco mais longe, pois ele acabou se tornando homeopata clínico. Percebem que não se trata de uma auto-medicação, mas de uma pessoa que foi a procura de uma outra compreensão de doença, de corpo e tratamento. Até aquele momento Múcio não possuía nenhum contato com outros conhecimentos terapêuticos, ou tinha apenas vaga idéia dos diversos fatores que podem causar o adoecimento do organismo. Essa sua busca, esses seus estudos, o levaram a perceber de forma diferenciada suas relações enquanto indivíduo, uma vez que o caminho para isso fez com que ele procurasse na sua trajetória de vida e no seu comportamento respostas para alcançar a cura, e não permaneceu simplesmente nos seus sintomas físicos e carregando as “bombinhas”.

Para não ficarmos somente na mudança de percepção através do tratamento homeopático, vejamos como isso ocorre quando a pessoa sofreu apenas interferências de outras concepções sobre o corpo, mas buscou a cura e/ou o melhoramento dentro da própria alopatia.

No caso de Vanessa Bianqui, que teve a doença rara chamada PTI, a sua procura pela cura foi na verdade uma luta contra a morte. Antes, deixemos ela nos explicar o que é PTI:

PTI é uma... O organismo entra em hiperfunção e aí o baço acha, porque o baço é que limpa o sangue, assim, grosseiramente falando, mas ele filtra o sangue então ele identificava as minhas plaquetas como um vírus, que é a parte que faz o sangue coagular no organismo.⁸¹

Para os médicos bastaria que ela tomasse regularmente os remédios – que por sinal eram muitos e extremamente nocivos à saúde – que o seu problema estaria controlado. Mas o que ocorreu foi que ela teve que permanecer três meses internada no hospital até que o medicamento começasse a fazer efeito:

(...) eu tomei uma super dosagem durante 20 dias de cortisona que é um medicamento que ainda faço uso (...) As meninas que faziam tratamento comigo, elas chegaram a engordar de 12 a 30 quilos, porque a cortisona ela

^{80 80} Depoimento gravado com Múcio Costa Silva em abril de 2005.

⁸¹ Depoimento gravado com Vanessa Bianqui em fevereiro de 2005.

inibe as glândulas da supra renal então você não faz xixi, então você tem essa dificuldade, você começa a acumular líquido e vai inchando, inchando, inchando e dá muita fome naturalmente e aí foi que eu fui procurar a medicina alternativa e passei pela homeopatia muito rápido.⁸²

Após esses acontecimentos no hospital, ela saiu de lá com um baixo número de plaquetas e ainda com grande risco de saúde. Entretanto, segundo os médicos, era o que poderia ser feito. Aconselhada por amigos a procurar outros tratamentos, sua sina foi percorrer diversos espaços, desde acupuntura, passando pela homeopatia, chegando até a um físico-clínico, sem conseguir grandes resultados. Para ela a solução foi partir para a compreensão de que ela precisava mais do que um tratamento, necessitava de conhecimento sobre a doença, o que não foi fornecido durante todo o tempo que passou no hospital. Acabou descobrindo, por conta própria, um grupo de pessoas com o seu mesmo problema,

(...) e aí eu fui procurar, eu fui estudar a planta, então eu fui estudar chá, alimentação, procurar tudo que tinha vitamina K, conheci inclusive bicho que tem isso, pintinho... Internet, livro, dentro da própria comunidade EMAPO comecei a conversar com as pessoas pra ter uma idéia de quantas meninas tiveram a mesma deficiência que eu. E é mais ou menos com a mesma idade, todos com 22, 23 anos, que é quando o aparelho genital tá pronto, tá todo formado e aí tem essa quebra. E aí eu fui por esse caminho, então quer dizer o caminho que eu encontrei a couve, beterraba, figado e escarola. É minha alimentação diária e não falta isso porque é uma deficiência de vitamina K também. À partir desse momento que eu comecei a me tratar com isso eu consegui chegar e uma estabilidade de 150 mil plaquetas. (...) Olha, eu fiquei 2 anos, sendo que 8 meses eu fiquei sem tomar o cortisona⁸³.

Enfim, o seu problema, além de envolver risco de vida, envolvia uma série de hábitos alimentares que nem sequer foram levados em consideração pelos médicos. Vanessa nos disse ainda que, enquanto estava no hospital, muitas vezes teve que pedir aos amigos e familiares que lhe mandassem alimentos diferenciados para se alimentar, pois estava se sentindo fraca com a alimentação que estava recebendo.

Parece que a medicina alopática acostumou-se com seus remédios, acostumou-se a enumerar os pacientes não pelos nomes, mas por suas deficiências. E quando estamos falando em medicina alopática não estamos procurando desqualificar a terapêutica, por isso trabalhamos com a narrativa de Vanessa, que ao passar a fazer uso do medicamento

⁸² Ibidem.

⁸³ Ibidem

indicado pelos médicos, associando isso a uma mudança de modo de vida, a uma alteração dos hábitos alimentares, o que foi uma coisa simples a partir do momento em que ela conseguiu chegar a essa fórmula, suas respostas ao tratamento deram salto qualitativo de um quadro de risco para a estabilidade em 150 mil plaquetas.

E isso não acontece somente nas histórias aqui analisadas. Retornando a uma das reportagens, de Jomar Moraes, que trabalha com muitos dados estatísticos, podemos perceber que a associação direta das doenças com os remédios químicos é um hábito entre as pessoas⁸⁴. Segundo ele aponta, fazendo uso dos dados do Sistema Nacional de Tóxicos-Farmacológicos, existe no Brasil uma drogaria para cada três mil habitantes, o que é mais que o dobro recomendado pela Organização Mundial de Saúde. Mas nós nem precisamos ir aos números para sabermos da facilidade que é comprar medicamentos sem prescrição médica na nossa sociedade. Até mesmo a Dipirona, que muitas vezes acaba sendo utilizada de forma que não cause danos mais graves ao organismo, em casos como o do Sr. Evaristo, podem tardar uma intervenção médica de urgência.

O que está em jogo não é simplesmente o uso desmesurado de tóxicos, mas um hábito que tem levado, tanto médicos como pacientes, a uma cultura de consumo desses medicamentos, muito mais do que a compreensão do indivíduo enquanto um ser social. Quando estamos aqui apresentando esses argumentos é para demonstrar que, ao contrário do que dizem os interlocutores de Bárbara Soalheiro a respeito das “práticas alternativas”, e outros críticos da homeopatia que fazem somente apegar-se àquilo que ROSZAK denominou de tecnocracia, as presentes mudanças estão trazendo benefícios para a sociedade de forma geral, tanto para a prática terapêutica homeopática, quanto para a alopática.

Não podemos perder de vista o que muitos médicos alopatas se esqueceram, e que é o motivo que tem levado um grande contingente de pessoas aos métodos “alternativos” de cura: as pessoas têm sentido o desgaste provocado pelo uso constante de medicamentos. Tanto a procura, quanto a disseminação de formas de tratamento menos invasivos do que o tratamento químico tem feito com que a alopatria reconsidere seus métodos – o que vem ocorrendo bastante desde a década de setenta, quando a sociedade passa a vivenciar essas alterações de comportamento. E a própria sociedade

⁸⁴ MORAIS, Jomar. Viciados em remédios. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, fev/2003, N. 185, pp. 42-49.

criou espaços para que as pessoas possam opinar e buscar outras formas de lidar com o seu corpo.

Vamos voltar aos depoimentos. Para Daniela essa procura partiu de uma necessidade não por motivos vitais, nem que os médicos tenham descartado o seu caso, mas por uma vontade própria de não ingerir mais os medicamentos. Num determinado momento de sua vida ela resolveu reconsiderar a receita que lhe havia sido dada pelos médicos quando era criança e partiu para uma nova forma de encarar seus problemas de saúde:

Eu precisei tomar remédio, de acordo com os médicos, desde a minha primeira semana de vida. Com cerca de quatorze anos eu resolvi parar. E não quis mais saber de remédio. Nunca gostei do tal remédio. Mas de vez em quando eu utilizava, fazia tratamento, achava que nunca dava certo. Mas se era um caso grave, que tava sentindo debilitada, eu acabava utilizando. Paralelamente eu fui buscando formas diferentes de cura, através de terapia, modificação de crenças, modificações do campo energético. E dentro dessas buscas eu conheci a homeopatia que eu achei que é uma forma de incrementar essa minha busca.⁸⁵

E nessa sua busca, nessa sua insistência em não acreditar puramente nos médicos que diziam que o seu problema era crônico, e que o uso constante de remédios seria inevitável, ela acabou encontrando um outro modo de vida, assim como Vanessa, conciliando diversas práticas terapêuticas. Durante o depoimento, ela nos conta de um tratamento recente que está fazendo, onde ela indica em qual momento é bom procurar o método alopático e porque ela também se serve do tratamento “alternativo”, exprimindo a consciência de que a separação entre essas práticas está muito mais num campo de disputa entre os saberes e as instituições do que no seu cotidiano. Como iremos observar, para Daniela o diagnóstico clínico com um médico alopata é importante para saber de sua condição de saúde, mas o tratamento a partir desse diagnóstico muda de lugar, buscando referências já consolidadas para ela diante de experiências anteriores com o tratamento “alternativo”:

Eu quero saber como está toda a minha parte da visão, inclusive a neurológica, que está influenciando na visão, pra mim poder saber qual procedimento adotar. Mas o meu procedimento eu desejo que seja mais, entre aspas, alternativo, com visualizações referentes aos locais, alimentação, pra equilibrar essas partes. Agora, eu não desejo tomar remédios.⁸⁶

⁸⁵ Depoimento gravado com Daniela Mitidieri em 28/01/2005.

⁸⁶ Ibidem.

Até que ponto essas coisas estão introjetadas para que possamos falar em mudança? Nos depoimento foi possível perceber algumas pessoas que encontraram maneiras diferentes em lidar com seus problemas de saúde. Elas acabam constituindo outros modos de vida, não tiveram que simplesmente discordar dos médicos ou associar terapêuticas diferentes. Quando falamos em mudanças nos modos de vida, falamos numa reorganização que implica, muitas vezes, nas formas de perceber as coisas e o mundo. Em outras palavras, aquilo que a contracultura criticou como sendo cultura de consumo, o cientificismo presente na tecnocracia, e nos especialistas em saúde, no caso os médicos alopatas – que é a terapêutica hegemônica –, acabou interferindo, como verdades absolutas, na vida das pessoas que não possuem acesso o outro tipo de informação. Que mal há nisso? Alto consumo de remédios, longos tratamentos químicos (e caros), a criação de uma indústria da saúde – muitos remédios em circulação, privilégio dos planos privados, vício em exames laboratoriais – e fundamentalmente, o enclausuramento dos profissionais que não respeitam o direito dos pacientes de serem informados sobre sua doença e de participarem das definições de seu tratamento.

Atualmente, todas as Universidades Federais Brasileiras possuem, na área de medicina, cursos que formam profissionais para lidar com a medicina alopática, o que quer dizer, com exames laboratoriais, tratamentos muitas vezes caros e uma forma cartesiana de compreender o organismo. A Universidade Federal de Uberlândia, até o ano de 2003, contava com uma cadeira optativa de homeopatia, a qual inclusive eu cursei, durante toda a graduação, como já relatei anteriormente. Com a aposentadoria do professor que ministrava esse conteúdo, a disciplina desapareceu do currículo do curso. Isso sinaliza para uma falta de perspectiva de pesquisadores, dentro dessa universidade, em desenvolver outras modalidades terapêuticas, o que poderia garantir uma melhor formação desse profissional na área de saúde.

No depoimento do Sr. Evaristo, que durante toda a sua vida teve pouco contato com outras formas de tratamento, podemos perceber como essa cultura cientificista permanece na compreensão de mundo das pessoas. Mesmo os médicos tendo cometido sucessivos erros nos tratamentos que lhe foram oferecidos, o que, inclusive, quase o conduziu à morte, ao ser perguntado se confiaria em outra forma de tratamento, Evaristo responde:

Então, aí é que tá a questão, porque não tem outro meio de você usar pra poder seguir. Você tem que confiar naquilo que eles estão dizendo porque é o único

caminho, você não encontra outro caminho, não tem outro caminho. Você tem uma coisa que te dê condição pra ter outra pessoa que te fala “é isso aqui: X pra você usar”. O médico vai lá, pega os exame, manda você fazer os exame, através dos exame ele vê o exame lá, então ele vai te tratar com aquilo ali, e é isso que dá segurança... Não sei se é segurança, porque esse é o único meio que agente tem de realmente fazer esse tipo de coisa, porque até hoje ainda não encontrei outro meio.⁸⁷

Ao ser perguntado se algum dia um médico lhe deu a indicação de que vários dos problemas que ele teve poderiam ter sido provocados pelo alto consumo de remédio, ele afirma:

Não ninguém me falou isso. Eu tomei remédio demais e sempre os alerti que a gente tem é das bulas dos remédios e eu sempre lendo. Não dá nem pra você ler a bula e tomar o remédio baseado na bula, porque se você ler a bula e prestar atenção mesmo, você não toma o remédio.⁸⁸

Ninguém nunca o alertou sobre o que viria a ser uma doença iatrogênica, por exemplo a gastrite, da qual ele reclamou durante todo o depoimento, que pode possuir suas causas na situação nervosa do paciente e, sobretudo, no uso de antibióticos, motivo que tem levado o uso desse medicamento a uma série de questionamentos. Ninguém o alertou, como já foi narrado por ele próprio, que o uso constante de dipirona pode causar diversas reações alérgicas e intoxicações, e que esse medicamento foi proibido em diversos países no mundo.

Contudo, não é somente entre as pessoas que não tiveram acesso a outras modalidades terapêuticas que essa cultura cientificista permanece. Em outro depoimento, Callina Teles, estudante da Universidade Federal de Uberlândia, ao narrar sobre suas opções ao escolher determinado tipo de tratamento, mostra o que para ela seria o corpo humano e a forma como ele adoece. Uma observação importante a ser feita é que Callina, desde a infância, sempre teve acesso e contato com a homeopatia, que filosoficamente compreende o indivíduo, o corpo e a doença de maneira bastante diferente da medicina alopática. O leitor vai perceber que a sua descrição de corpo aproxima-se de uma engrenagem, na qual cada peça desempenha sua função separadamente:

⁸⁷ Depoimento gravado com Evaristo Morlim em 12/03/2005.

⁸⁸ Ibidem.

Por exemplo, o corpo é uma máquina, então ele funciona de acordo com as condições normais que fica dentro dele, de pressão e temperatura. É tudo muito bem calculado, é uma máquina nesse sentido. Ele trabalha de acordo com cada função que o organismo... Porque assim, os órgãos são um conjunto de funcionalidades prá funcionar o organismo todo, que funciona o seu corpo. Então quando alguma coisa tá errada, a máquina já não funciona da mesma maneira, ela vai ter um déficit de produção. Imaginando o corpo assim, como uma máquina industrial, se tem alguma coisa errada cá máquina, ela não vai produzir mais do mesmo tanto que ela produzia. Ela vai ter alguma deficiência em algum aspecto.⁸⁹

Essa forma de perceber o corpo está muito ligada à maneira como os próprios alopatas trabalham no cotidiano. Não é por nada que temos os cardiologistas, os neurologistas, nefrologistas, endocrinologistas, entre outras, tudo isso para que cada um domine cada espaço desses narrados.

Entretanto, não é somente dentro da alopatia que essa cultura permanece insistente. O nosso depoente Múcio nos mostra como essa postura cria amarras na sociedade e dificulta que outras formas de compreensão do corpo, dos indivíduos e das doenças, contribuam na melhora na área da saúde:

(...)(a alopatia) sempre procurando com a química resolver os problemas do seu corpo. Mas não é algo que tenha assim... É uma tecnologia muito avançada, mas de certa forma não existe lei pra isso. Eu considerei a homeopatia mais científica pelo fato de ela ter leis. Quando o médico te receita um antialérgico, ou um antiinflamatório ou um medicamento prá tirar a dor, aquele medicamento pode fazer efeito diferente em várias pessoas, e você sempre tomando uma dose química daquela substância (...)⁹⁰ (Grifo nosso.)

Ao tentar justificar a eficácia da homeopatia, Múcio a confunde com o discurso que questiona os seus métodos, tentando, com isso, buscar significados para as leis de tratamento homeopático. Essa disputa faz parte do nosso cotidiano, pois é uma coisa cobrada da nossa sociedade, como afirma Daniela no seu depoimento:

Como eu estava dizendo, quando é um cliente meu, se ele fala que quer fazer um tratamento, pra mim indicar um profissional, um psiquiatra, ou algo assim, que quer remédio pra poder ajudar na sua terapia, e eu vou indicar, por exemplo, não, não é tão bom. Porque você não tenta um homeopata? É nessa hora às vezes me constrange, por não ter essa cientificidade toda que a sociedade toda, que a sociedade espera. (...)⁹¹

⁸⁹ Depoimento gravado com Callina Teles em abril de 2005.

⁹⁰ Depoimento gravado com Múcio Costa Silva em abril de 2005.

⁹¹ Depoimento gravado com Daniela Mitidieri em 28/01/2005.

Um pouco mais adiante:

(...) A sociedade, ela implica em certas normas, certo, são regras. Existe a medicina tradicional e a alternativa, até esse termo mesmo coloca isso, então não é algo que é padrão, é algo que se não der certo você pode tentar, é alternativo. Então dá essa discriminação. Há princípios científicos, todos voltados pra provar que uma realidade é a correta, e as outras... é pra provar que as outras são incorretas. Não há essa possibilidade de abrangência de interpretações realistas. Então isso me traz o constrangimento de saber que eu estou ligada a uma academia, a um cientificismo rígido, limitador⁹².

Daniela atende como psicóloga clínica na cidade de Uberlândia. Nesses trechos ela nos demonstra como nem sempre é possível dizer de outros caminhos às pessoas, e muitas vezes existe uma cobrança para que determinados tipos de condutas sejam privilegiadas. No caso dela, ela recebe orientações de um chefe para que somente conceda sugestões de “tratamentos alternativos” para pessoas que questionem e/ou peçam. De outra maneira, o melhor mesmo é seguir com antidepressivos ou coisas similares.

Até aqui nos foi possível perceber como essas questões estão colocadas na nossa sociedade. Mesmo que as pessoas possam fazer suas escolhas por essa ou aquela forma de tratamento, nem sempre isso é possível. Muitas vezes falta informação e sobra demagogia. Outras, por mais complexo que possa parecer, os nossos profissionais da saúde se mostram bastante despreparados para lidar com questões que não sejam de seu conhecimento específico. Nesses casos, acontece como ocorreu com a maioria de nossos depoentes, que uns estiveram à beira da morte, outros se enchendo de remédios sem necessidade nenhuma, perdidos entre a máquina do corpo e todas as complexidades que envolvem um indivíduo dentro da nossa sociedade.

A doença, ou melhor, as concepções sobre o corpo doente, abrangem um “senso comum” entre alopatria e homeopatia, que consideram não somente os órgãos e tecidos, mas o indivíduo e como ele se manifesta dentro de uma realidade. Essa é uma forma de compreender os modos de vida das pessoas dentro do nosso cotidiano hoje, pois como observamos, nos diferentes casos, foram constantes as pequenas transformações que conduzem a mudanças maiores. Se no passado homeopatia e alopatria se colocavam em cantos opostos e criavam seus espaços particulares, e conflitavam nos seus discursos, podemos perceber que atualmente uma já é parte da outra, tendo, como nos foi

⁹² Ibidem

colocado, as pessoas como seus intermediários mais diretos. Se médicos homeopatas, homeopatas populares e alopatas querem permanecer discutindo e discordando de um lado, as pessoas tomam suas próprias atitudes, que conduzem à sincronia entre ambas de acordo com as suas necessidades momentâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que encontramos para problematizar as questões levantadas até agora, felizmente nos levou um pouco mais distante do que esperávamos chegar. Infelizmente o papel não aceita tudo, mas procuramos a maneira mais próxima de trazer para o texto aquilo que apreendemos nesses três anos em que nos debruçamos sobre um tema na área de saúde no Brasil.

Fica claro como somos herdeiros de uma tradição que procura sempre afirmar todas as coisas dentro dos padrões da racionalidade técnica. Tudo aquilo que acontece no cotidiano das pessoas, que não se agrupa nesses padrões, é sempre tido como um subterfúgio que pode até coexistir, contudo, encontrará dificuldades para se legitimar.

A homeopatia é uma terapêutica que tem encontrado na dificuldade dos alopatas um espaço para se estabelecer. Enquanto a mídia cobra a opinião dos “especialistas” sobre a legitimidade do tratamento, este continua garantindo bons resultados na vida das pessoas. Essa terapêutica possui seus próprios limites, ocorrendo em muitos casos o insucesso. Mas não estamos aqui procurando garantir a legitimidade da homeopatia, mas discutir o motivo pelo qual determinado padrão de pensamento, como é o caso desse cientificismo, continuarem, ao invés de somar, dividindo opiniões que poderiam melhorar a condição de saúde no Brasil.

Contudo, a ciência, a alopatia, encontra seus próprios limites. Como observamos no capítulo anterior, as pessoas ao se verem numa situação de risco partem para outros rumos, onde não importam o que diz o especialista, a necessidade momentânea faz com que as atitudes não sigam o compasso ritmado da razão técnica que podemos observar nos discursos da mídia. Entretanto, sabemos que mesmo enfrentando esses valores, as pessoas não os perderam, pois em nossas observações sempre captamos esse vício de explicar de forma contundente a opção por essa ou aquela modalidade terapêutica.

Percebemos, então, que a medicina alopática hoje enfrenta uma situação bastante conflituosa; um número crescente de pessoas tem procurado outras formas de

tratamento, pois apesar da alopatia criticar os métodos do tratamento homeopático, ela não encontra respostas e não consegue atuar de maneira eficaz num problema que tomou grandes proporções hoje em dia: as doenças emocionais. As dificuldades de morar e conviver em ambientes extremamente violentos, onde temas como corrupção, estupro, seqüestros, enchentes, desabamentos, custo de vida muito caro, desemprego, para não dizer outras coisas, tem gerado causas de adoecimentos difíceis de serem combatidos com os tratamentos tradicionais, em termos de medicamento e de abordagem. Nesse sentido, a homeopatia tem avançado, pois a sua metodologia de trabalho privilegia os aspectos emocionais dos pacientes antes de se preocupar com os aspectos físicos.

Outro ponto que podemos retirar do nosso trabalho com os depoimentos é a questão do acesso. As pessoas que fizeram parte do nosso trabalho fazem parte de um grupo social com certo nível financeiro que permitiu, muitas vezes, procurar outras alternativas de tratamento, que não o atendimento de um médico alopata. Vanessa foi a única depoente que disse ter encontrado dificuldades para ter acesso a outro tipo de tratamento, pois faltou dinheiro que lhe garantisse isso. Todos os outros, quando precisaram de qualquer tipo especial de atendimento, fora do serviço público, possuíam recursos financeiros para tal.

Assim, a questão que colocamos vai além de dizer até que ponto essa ou aquela modalidade terapêutica funciona nesse ou em outro aspecto. Muitos não podem escolher o tipo de atendimento, por questões financeiras ou por questão de conhecimento. Embora tenhamos afirmado que a homeopatia cresceu nos últimos anos enquanto prática terapêutica, grande parte da população que poderia se beneficiar com esse tipo de tratamento, sequer possuem o conhecimento de fato do que venha a ser as “bolinhas de açúcar” ou os “vidrinhos com água”. Mesmo aquelas que passam a conhecer esse tipo de tratamento, a maneira de conduzir o mesmo exige certas mudanças de hábitos dos quais as pessoas não estão acostumadas. O hábito de tomar comprimidos, ingerir líquidos com aromas artificiais sem com isso ter que parar de tomar café ou fazer observações sensíveis do corpo em relação ao clima, o que é comum num tratamento homeopático, faz parte de um modo de vida do qual a maioria das pessoas está acostumada. Dito de outra forma, a prática alopática constitui, também, uma maneira de sentir e compreender os mecanismos de cura do corpo que estão presentes nos hábitos cotidianos.

Mas chegamos a um ponto em que tudo isso precisa ser revisto, e as “almas” que foram entregues a um tipo de conduta, hoje opinam pela união de vários “santos”. A indústria do medicamento é muito cara aos bolsos das pessoas que utilizam o serviço público de saúde, que são aquelas que menos podem ter escolhas pelo tipo de tratamento a que estão se submetendo, apenas entram nas filas e aguardam ansiosamente chegar a sua vez.

Os medicamentos homeopáticos são extremamente baratos se comparados aos medicamentos alopáticos, portanto, a alternativa de tratamento não é somente em termos de opção “filosófica”, mas também financeira. Outro fator é que certas doenças, como exemplificamos no caso da asma, não possuem cura dentro do tratamento alopático, o que leva as pessoas a gastarem muito dinheiro mantendo um tratamento paliativo. Porque não um tratamento homeopático, se ele tem conseguido bons resultados?

Estamos vivendo um momento em que problemáticas como a bioética estão na ordem do dia. A ética da ciência tem esbarrado em questões de cunho moral, onde a sociedade pede menos avanços e mais resultados práticos. A ciência avança para dentro do corpo do homem, procurando compreender o que faz cada um dos genes em nosso organismo, formulando medicamentos partindo desse tipo de conhecimento, mas esquecem-se que a maior parte das pessoas não podem compartilhar dessas coisas. Desenvolvem máquinas ultramodernas para realizarem exames laboratoriais, enquanto isso, na cidade de Uberlândia, temos que andar e esperar muito na esperança de conseguir uma simples radiografia.

A medicina alopática que caminha junto com esse tipo de pensamento não pode deixar de ser questionada. Não resta dúvidas de que as Universidades Federais Brasileiras estão disseminando um tipo de conhecimento na área de medicina que está longe de ser o ideal necessário para grande parte da população. Elas deveriam dedicar tempo e pesquisas para que os profissionais por ela formados pudessem colaborar com as pessoas de forma mais eficaz. Porém, se livrar de uma tradição que ultrapassa anos dentro e fora desses cursos é uma tarefa bastante complicada, que envolve, como colocamos na introdução desse trabalho, uma transformação no papel da universidade dentro da nossa sociedade.

Felizmente o nosso trabalho aponta para outro rumo. As pessoas têm procurado outras alternativas. A sociedade do especialista não está mais à espera de suas verdades, mas a procura de novos significados que possa satisfazer suas necessidades primordiais.

É dever da história intervir nesse debate para demonstrar e alimentar nas pessoas essa busca. A confiança em certas noções mecanicistas em detrimento do bem estar jamais pode ser consolidada. Nesse sentido, procuramos demonstrar como, através da homeopatia, que é uma prática que tem propiciado bons resultados entre aquelas pessoas que conseguiram confiar nos seus métodos, ela carece, ao menos, de um olhar mais atento que garanta possibilidade das pessoas conhecerem outras práticas terapêuticas.

Buscamos, aqui, dar mais um passo nesse sentido, certos de que o problema não está nessa ou naquela forma de tratamento, cada uma delas possui as suas especificidades e tem muito a contribuir com a população. É inegável que a alopatia possui grandes méritos no desenvolvimento de técnicas cirúrgicas, e muitos medicamentos têm garantido o aumento na expectativa de vida das pessoas. Por outro lado, não podemos excluir do nosso meio outras modalidades que também possuem suas especificidades, sobretudo quando pensamos a sua respectiva viabilidade. Que as “almas” sejam entregues a todos os “deuses”.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *Filosofia da Nova Música*. São Paulo: ed. Perspectiva, 1989.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *O avesso das coisas*. Rio de Janeiro: ed. Record, 1987.
- AUGÉ, MARC. O espaço da antropologia e o tempo antropológico da história. IN: *Por uma antropologia dos mundos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. pp. 09-31.
- BACZKO, B. Imaginação Social. IN: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Portugal: Imprensa Nacional Casa da Moeda. pp. 296-332.
- BARROS, Manoel de. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.
- BARROS, Manoel de. *Ensaaios Fotográficos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986.
- BETRIZ, Maria & SOCORRO, Maria do. Regime de acumulação flexível e saúde do trabalhador. IN: *Revista PUC: Saúde*, Ano 6, N. 22, outubro a dezembro de 2004. pp. 31-45.
- BLOCH, Marc. *Introdução à história*. Lisboa: Europa-América, 1965.
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CANCLINI, Nestor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.
- CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Ed. Círculo do Livro, 1982.
- CARVALHO, Maria Bernadete. *Homeopatia: a retomada social de uma prática terapêutica*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de mestrado em Sociologia da FAFICH/ UFMG, 1988.

CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Memórias de um trauma: o massacre na GEB (Brasília – 1959). IN: Muitas histórias outras memórias: cultura e o sujeito na história. IN: FENELON, Déa Ribeiro & MACIEL, Laura Antunes & ALMEIDA, Paulo Roberto de & KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas histórias, outras memórias*. São Paulo: Ed. Olho d'água, 2004. pp. 173-190.

CERTEAU, Michel de. História de corpos. IN: *Revista Projeto História: Corpo e Cultura*, N. 25, Dez./2002, São Paulo/SP – PUC/SP – EDUC, pp. 407-412.

DESCARTES, René. *Discurso de método*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

ERASMO, de Roterdan. *Elogio de loucura*. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.

FIGUEIREDO, Adriana Maria. *A constituição profissional da medicina homeopática na interação com a medicina alopática*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de mestrado em Sociologia da FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 1994.

FILHO, Rubem Barbosa. *Tradição e Artifício: iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

FONTANA, Josep. *A história dos homens*; tradução REICHEL, Heloisa J. & DA COSTA, Marcelo F.; Bauru: EDUSC, 2004.

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981, 4ª ed.

FOUCAULT, Michel. *Crise atual da medicina*. Conferência pronunciada numa série de palestras sobre história social da medicina, ocorridas nos meses de outubro e novembro de 1974, no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (texto datilografado).

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da medicina*. Conferência pronunciada numa série de palestras sobre história social da medicina, ocorridas nos meses de outubro e novembro de 1974, no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (texto datilografado).

HAHNEMANN, Samuel. *Organon da arte de curar pela homeopatia*. São Paulo: Livraria Roca, 1982.

JACOBY, Russel. O declínio da boemia (pp.39-65) & A caminho do subúrbio: urbanistas e beats (pp.66-83). IN: *Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia*. São Paulo: Trajetória Cultural/Edusp, 1990.

LAMPERT, Jadete Barbosa. *Tendências de Mudanças na formação médica no Brasil: tipologia das escolas*. São Paulo: Hucitec, 2002.

LAPLATINE, François. *Antropologia a doença*. São Paulo: ed. Martin Fontes, 1991.

LUZ, Madel. *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. São Paulo: ed. Dynamis, 1996.

LUZ, Madel. *As instituições médicas do Brasil: instituições e estratégias de hegemonia*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. 3ª ed.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1998.

MEDEIROS, Divino Dantas. *As bênçãos de Romaria: Cultura e Religiosidade Popular no interior de Minas Gerais - 1920/1940*. Monografia apresentada ao INHIS/UFU, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em História. 1998.

MELANI, Ricardo. Fragmentação do corpo na sociedade de consumo. IN: *Revista PUC: Saúde*, Ano 6, N. 22, outubro a dezembro de 2004, pp. 63-73.

MORAIS, Sérgio Paulo. *Correndo Mundo: Trabalho e Vivências de Carroceiros na cidade de Uberlândia*. Monografia apresentada ao INHIS/UFU, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em História, 1999.

MORENO, José Alberto. *O direito popular da homeopatia no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. LuzAzul, 1996.

NASCIMENTO, Vilma Maria do. Diálogos com a natureza em práticas de cura. IN: *Revista Projeto História: interpretando práticas de leitura*, N. 226, Janeiro/Junho/2003, São Paulo/SP – PUC/SP – EDUC, pp. 255-271.

NETTO, Ângelo Presotto. *O corpo humano*. Franca: Ed. Iguatemi LTDA, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

NOVAES, Ricardo Lafetá. *O tempo e a ordem: sobre a homeopatia*. São Paulo: Ed. Cortez, 1989.

PEREIRA, Carlos Alberto M. *O que é contracultura*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

POTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos. IN: *História & Perspectivas*, N. 25 e 26 – jul./dez.2001 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Cursos de História e Programa de Mestrado em História. pp. 09-26.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Memórias: entrevista com Alessandro Portelli. IN: *História & Perspectivas*, N. 25 e 26 – jul./dez.2001 – Uberlândia/MG. Universidade Federal de Uberlândia. Cursos de História e Programa de Mestrado em História. pp. 27-54.

REGINATO, Valdir. Bioética: a necessidade de transcender a ciência. IN: *Revista PUC: Saúde*, Ano 6, N. 22, outubro a dezembro de 2004. pp. 17-25.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. São Paulo: ed Vozes, 1972. 2ª ed.

SANTOS, P. M. L. Profissão Médica no Brasil. IN: *Profissões de Saúde: uma abordagem sociológica*. (M. H. Machado, org.), Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995. pp. 97-115.

SARAMAGO, José. *Que farei com este livro?*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VICO, Giambatista. *Ciência Nova*. IN: GARDINER, Patrik. *Teorias da História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

ZICMAN, Renée Barata. *História através da imprensa – algumas considerações metodológicas*. In: Projeto História. Revista do programa de pós-graduação em História da PUC/SP.

KHOURY, Yara Aun. Muitas histórias outras memórias: cultura e o sujeito na história. IN: FENELON, Déa Ribeiro & MACIEL, Laura Antunes & ALMEIDA, Paulo Roberto de & KHOURY, Yara Aun (orgs). *Muitas histórias, outras memórias*. São Paulo: Ed. Olho d'água, 2004. pp. 116-138.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986. 15ª ed.

FONTES DE PESQUISA

FONTES ORAIS

Aproveitando novamente a oportunidade, queria dedicar agradecimentos especiais aos depoentes. Suas contribuições foram de profunda importância para que esse trabalho pudesse ser realizado. Queria agradecer, também, a Marisa Gianechini de Araújo, que também fez parte desse trabalho, entretanto, tivemos problemas técnicos com o gravador, impossibilitando, dessa forma, utilizarmos o seu depoimento no corpo do texto. A todos um muito obrigado!

- Daniela Mitidieri de Castro, 26 anos, psicóloga e atriz, residente na cidade de Uberlândia. Depoimento gravado em janeiro de 2005.
- Callina Teles, 20 anos, graduanda em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia, residente na cidade de Uberlândia. Depoimento gravado em abril de 2005.
- Evaristo Morlim, 63 anos, aposentado, residente na cidade de Uberlândia. Depoimento gravado em março de 2005.
- Múcio Costa Silva, 59 anos, professor de Química na rede estadual de ensino e homeopata popular, residente na cidade de Belo Horizonte. Depoimento gravado em abril de 2005.
- Vanessa Bianqui Galheira, 24 anos, atriz e dançarina, graduanda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia, residente na cidade de Uberlândia.

PERIÓDICOS

- *Revista Superinteressante:*

MORAIS, Jomar. Viciados em remédios. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, fev/2003, N. 185, pp. 42-49.

ROMÃO, José & STORACE, Jorge. Homeopatia. IN: Coleção para saber mais: *Revista Superinteressante*, vol 25. São Paulo: ed. Abril, 2004.

SOALHEIRO, Bárbara. Medicina Alternativa. IN: *Revista Superinteressante*. São Paulo: ed. Abril, jan/2004, N. 196, pp. 54.

- *Revista Espiritismo & Ciência:*

MIRANDA, Hermínio. Hanhemann, a apóstolo da medicina espiritual. IN: *Revista Espiritismo & Ciência*. São Paulo: ed. Mythos. Ano 2, N. 10. pp. 10-17.

- *Revista Galileu:*

NOGUEIRA, Pablo. Os mistérios da água. IN: *Revista Galileu*. Rio de Janeiro: ed. Globo, ago/2003, N. 145.

- *Revista Vida Simples:*

TEMPLO, Mariana. Receita de saúde. IN: *Revista Vida Simples*. São Paulo: ed. Abril. N. 13, jan/2004.

- Internet:

Associação Médica Homeopática Brasileira. IN: www.amhb.org.br. Acesso em: 15/02/2004.